

UNIVERSIDADE FEDERAL
FACULDADE DE
BIBLIOTECA

três por quatro



EDITORIAL

Trabalho e Liberdade

A definição do *trabalho* como tema desta edição do *3x4* surgiu a partir da opção de abordar um assunto sempre atual. A preocupação em diferenciar trabalho de emprego foi uma constante na elaboração do jornal, bem como ressaltar o valor que o primeiro deixa, cada vez mais, de ter em relação ao segundo. Nesse sentido, adotamos como referencial a obra do grupo alemão Krisis, *Manifesto Contra o Trabalho*, por se tratar de uma dura oposição à cultura do trabalho como deus da sociedade moderna. Apesar de suscitar algumas controvérsias, o denso conteúdo do livro encontrou receptividade num grupo disposto a ampliar essa discussão.

Durante o processo de realização deste *3x4*, as negociações, os debates e o trabalho em equipe constituíram o principal aprendizado – muito mais do que a execução individual das diferentes funções. Fator preponderante para o sucesso do trabalho em conjunto foi a liberdade de cada um ao desempenhar o seu papel, buscando sempre atingir o equilíbrio frente às exigências da produção coletiva. A divisão das tarefas, os acertos editoriais e todo o envolvimento na elaboração do jornal mostrou-nos a necessidade de fazermos uso de nosso espírito de equipe.

A proposital ausência de regras e conceitos pré-concebidos – que restringem a criatividade e dificultam a livre expressão – identifica esta edição. Isso se reflete na própria estrutura de trabalho definida pela turma, sem as figuras centrais de uma redação convencional – editores e chefes de redação. Nem mesmo a presença impositiva de um professor que determinasse idéias e fórmulas prontas; pelo contrário, uma orientação constante, interessada e, sobretudo, apaixonada. Sem hierarquia, a produção obedeceu a critérios consensuais, baseada na harmonia, no debate e no entendimento.

Cabe ressaltar a importância desta publicação, um jornal-laboratório fruto das concepções e do esforço de estudantes prestes a ingressar no mercado de trabalho. Apesar de fugir das restrições características de uma empresa jornalística tradicional, com caráter totalmente experimental, o *3x4* traz em si muitas responsabilidades. É a primeira oportunidade efetiva, desde o início do curso, de produzir um material que será impresso, publicado e lido também fora do universo da Fabico. O *3x4* não permanece restrito aos sistemas de elaboração e avaliação comuns aos trabalhos acadêmicos.

Assim, está completamente identificado com o espírito desta turma: entusiasmado, mas sempre atento ao desafio de aprender. ■

Conselho Editorial



Valorização do trabalho coletivo

Parte absolutamente essencial da experiência desta edição do jornal *3x4*, sem dúvida nenhuma, foi o aprendizado do trabalho em equipe. Todos, de alguma forma, com maior ou menor participação, na ausência de um editor-chefe e de um “professor de jornalismo”, se viram diante da necessidade de negociar e de fazer algum tipo de concessão. Trabalhar com sentido de coletividade, discutindo cada detalhe a cada etapa. O que significa, sempre, muitas negociações. Esta edição do *3x4* tem esta força.

Outro aspecto, igualmente importante, e a mim pelo menos não resta também nenhuma dúvida, foi a sensibilidade para transformar uma preocupação generalizada de nosso tempo em tema jornalístico. Quem de nós não pensa nessa verdadeira entidade que é o trabalho? Pois a partir de uma frase, de uma observação, do comentário de um texto, da indicação de uma leitura, mas acima de tudo de uma angústia própria de final de curso e da própria idade, localizamos um tema: o trabalho. E, a partir desta idéia, aparentemente abstrata e paradoxalmente tão concreta, todos os desafios se colocaram. Questão tão atual que, ainda recentemente, o jornal Folha de São Paulo, em uma edição dominical, dedicou todo seu primeiro caderno ao tema: “O trabalho em frangalhos”.

De igual importância é o fato de que cada integrante da turma, após escolher a pauta de sua preferência, teve inteira liberdade para escrever e a seguir discutir, opinar e interferir no próprio processo de edição. Este *3x4*, em muitos aspectos é, bem acima de edições anteriores, a imagem quase que sem nenhuma distorção da turma. Um grupo de garra e disposto ao desafio, sem medo de cometer erros em seu processo de aprendizado.

Da minha parte foi muito complicado e angustiante me fazer – propositadamente – “ausente” ou “interferir não interferindo”. Como conseguir ser professor não sendo professoral? Será que consegui? Acredito que sim, pelo menos tentei. E, acho que de alguma forma também deixo uma pequena marca no jornal desta turma. Como dizia Paulo Freire, quase no final da vida, um professor na virada do milênio não ensina nada, mas fornece pistas, roteiros, possibilidades, e isso se faz não no plano da mais absoluta racionalidade. Esse ensinar se faz, acima de tudo, por um espírito de absoluta fraternidade com os mais jovens.

Fraternidade, lealdade, transparência e assim se consegue o melhor de jovens, futuros jornalistas. ■

Wladimir Ungaretti

trêsporquatro ■ fabicoufrgs ■ 2003/1

jornal laboratório dos estudantes de jornalismo | Redação Jornalística IV

redação: Alexandre Kramer Castro, Antenor Savoldi Jr., Bruno Costa, Felipe Grüne Ewald, João Dal Mollin, Juliano Bruni Pereira, Letícia Mallmann, Letícia Pires, Lucas Berti, Luciane Kohlmann, Luciano Mello, Marcelo Spalding Peres, Milsania de Souza Tavares, Pablo Francischelli, Simone Portella Fernandes, Thaís Teixeira da Silva, Veridiana Dalla Vecchia, Yordanna Colombo

conselho editorial: Antenor Savoldi Jr., João Dal Mollin, Juliano Bruni Pereira e Veridiana Dalla Vecchia

projeto gráfico: Juliano Bruni Pereira e Júlio César Oliveira

edição e revisão: Antenor Savoldi Jr., João Dal Mollin, Juliano Bruni Pereira e Veridiana Dalla Vecchia

edição de fotografia: Daniela Fetzner, Simone Fernandes e Veridiana Dalla Vecchia

coordenação: Wladimir Ungaretti

capa: “*Provérbios Holandeses*”, de Pieter Bruegel (1525? - 1569)

Porto Alegre, inverno de 2003



LIVRO

A morte do deus-trabalho

Manifesto Contra o Trabalho traz uma crítica profunda à sociedade moderna

Por João Dal Mollin

jmollin@hotmail.com

“A história da modernidade é a história da imposição do trabalho que deixou seu rastro amplo de devastação e horror em todo o planeta. (...) Vários séculos de violência aberta em grande escala foram precisos para torturar os homens a fim de fazê-los prestar serviço incondicional ao deus-trabalho. É dessa forma que o grupo alemão Krisis, organizado a partir da revista de mesmo nome, trata o que chama de *religião da sociedade moderna*. Lançado pela editora Conrad, dentro da coleção Baderna, o livro *Manifesto contra o trabalho* contém uma análise crítica e dura contra conceitos fortemente arraigados na sociedade ocidental capitalista moderna. O trabalho é visto não como um elemento positivo, engrandecedor, natural do homem, mas como uma imposição que, muitas vezes, chega a gerar histeria.

“Quem hoje ainda se pergunta pelo conteúdo, sentido ou fim de

seu trabalho torna-se louco – ou um fator de perturbação do funcionamento do fim em si da máquina social”. Cada um de nós é parte de uma cadeia que se alimenta em si mesma. Isso se traduz na busca incessante dos governos pela formação de novos postos de trabalho, e dos cidadãos por capacitação. Os autores questionam: quantos empregos essa cadeia gera?

“A sociedade nunca foi tanto sociedade do trabalho como nesta época em que o trabalho

se faz supérfluo”. Para os autores, a obsessão pelo trabalho nos dias de hoje



FOTO: REPRODUÇÃO

Para os autores, a obsessão pelo trabalho representa uma contradição

representa uma contradição. A tecnologia permitiria que se trabalhasse muito menos, sobrando tempo para atividades mais agradáveis e enriquecedoras. Os defensores do deus-trabalho mantêm-se em sua defesa, mas mesmo assim os autores declaram esse deus morto – ou, no mínimo, agonizante.

“Cada segundo é calculado, cada ida ao banheiro torna-se um transtorno, cada conversa é um crime contra o fim autonomizado da produção. (...) E mesmo na hora da refeição, na festa e no amor o ponteiro dos segundos bate no fundo da

cabeça”. O grupo Krisis diz que os senhores feudais, acostumados a banquetes e orgias, sentiriam desprezo pelo estilo de vida dos milionários executivos da era dos *laptops*. Para um grego clássico, seria impossível explicar por que são consideradas tão dignificantes tarefas que ele consideraria aviltantes e destinaria aos escravos. Aliás, para os autores do livro, é como escravos que nos comportamos: escravos de um deus invisível mas onipresente e superpoderoso.

“(...) os que ‘caíram fora’ precisam aceitar qualquer trabalho sujo ou escravo e qualquer programa de ‘ocupação’”. Idéias como essa estão traduzidas em declarações como a de Bill Clinton, que disse que “qualquer trabalho é melhor que nenhum”. *Manifesto contra o trabalho* traz uma densidade de argumentos impossível de ser condensada em uma simples resenha. É uma leitura perturbadora, mas muito importante para pensar e entender a crise em que vivemos. ■

CRÔNICA

Pequeno manifesto a favor do trabalho

A rotina diária de uma rã para manter a espécie

Por Yordanna Colombo*

dana@cpovo.net

Se os dias de pleno emprego estão contados, os dias de trabalho nunca terminarão... eis aqui um exemplo.

Bem longe dos pampas, entre as folhas do chão que caem das árvores da Floresta Amazônica, vive uma pequena rã do gênero *Colostethus*. Todos os dias, ela trabalha, ininterruptamente, para levar sua espécie adiante.

Na fase de girino – as rãs, sapos e pererecas vivem um tempo na água e depois sofrem uma série de transformações até adquirirem as patas (a forma adulta), quando passam a viver na terra – já começa a labuta. O trabalho consiste em manter-se vivo, fugindo e camuflando-se de predadores e, claro, procurando alimento para obter energia. Logo que os girinos saem da água o trabalho começa a ficar diferente, devem agora arrumar meios para sobreviver num outro mundo: a terra.

À medida que vão crescendo, começa a aparecer um dos trabalhos mais importantes, a passagem dos

genes para manter a espécie (sempre lembrando que as rãzinhas não deixam de comer e nem de fugir de seus predadores).

A espécie precisa ser mantida, e para isso um parceiro é necessário. O macho tem o trabalho de cantar, em algum lugar no chão da floresta, para atrair uma fêmea. Por sua vez, a fêmea tem que escolher um macho pelo canto, pelo porte ou por qualquer outra característica. Se o casal “combina”, agora o trabalho consiste na busca de uma folha enrolada. Achando o “ninho de amor”, o macho abraça a fêmea, ela coloca os ovos na folha e o macho os fecunda. Após o ato, a fêmea vai embora e o macho trabalha mantendo os ovos úmidos numa gelatina até que seus “filhos” cheguem na fase de girino.

Até agora parece tudo muito simples para esta rãzinha que tem

aproximadamente 2 cm de comprimento. Mas quando os girinos atingem um determinado tamanho o macho tem que buscá-los na folha enrolada e carregá-los nas costas até o corpo d’água mais próximo, que geralmente está a alguns metros. Às vezes, o macho demora um dia para retornar ao local da desova. Ele carrega todas as desovas para a água.

O trabalho consiste em manter-se vivo, fugir de predadores e procurar alimento

outra, ou seja, ele tem que “lembrar” onde está cada uma. As desovas “amadurecem” num tempo diferente e o macho toma conta de todas (não podemos esquecer que ele continua comendo, fugindo, cantando...).

O trabalho é realmente, como sempre se diz, “a condição natu-

ral para a existência humana?”. A resposta é sim. Não resta qualquer dúvida de que *todas as espécies* desenvolvem constantemente uma luta pela vida na busca da sua sobrevivência. Mas essa é uma luta que cada espécie empreende com o meio onde vive. E devemos interpretar essa luta como a incessante atividade dos indivíduos na procura de alimentos e abrigo, no domínio de territórios, na fuga de seus predadores, na eficiência de proteger suas crias, na capacidade de resistir ao frio ou ao calor, às tempestades ou às secas e de se adaptar às variações de pressão, de salinidade, de pH e outras condições físico-químicas do seu habitat. Esse é o nosso verdadeiro trabalho. E se devemos nos unir contra alguma coisa, devemos nos unir contra aquilo que é representável na forma monetária. O conceito de trabalho é muito mais que a produção de mercadorias. Espécies do mundo: uni-vos, mas uni-vos contra a valorização do capital. ■

*colaborou Patrick Colombo

■ ENTREVISTA EMIR SADER ■

O capital versus o trabalho

O filósofo explica como duas forças aparentemente complementares, na realidade, se opõem

A Felipe Ewald, João Dal Mollin, Leticia Pires, Simone Fernandes e Veridiana Dalla Vecchia

O desemprego e o processo de desestruturação dos meios de trabalho no país é uma das grandes preocupações da sociedade contemporânea. Em entrevista ao jornal 3x4, Emir Sader, filósofo, professor da USP e coordenador do Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, fala sobre as formas de reestruturação do trabalho numa sociedade voltada para o mercado e avalia a atual conjuntura social vivida no país. Segundo ele, a reativação do crescimento só pode ser feita voltando-se para o consumo interno: "Não se deve esperar, não se deve fazer agradados ao mercado internacional achando que vai haver retorno de investimento".

trêsporquatro: Qual seria a nova prática em relação ao trabalho e ao trabalhador a que o senhor se refere em seu último livro [*A Vingança da História*]?

E.S.: Não deve haver somente uma mudança de governo, ou de programa de governo, mas deve haver também novas formas de análise e abordagem da realidade. Uma delas, certamente, tem a ver com o mundo do trabalho. Não haverá democracia social no Brasil sem recomposição dos trabalhadores como sujeito social. Entre as duas grandes regressões da época Fernando Henrique, uma delas a é financeirização geral da economia, e a segunda é a precarização do mundo do trabalho, a "despropriação" de direitos fundamentais dos trabalhadores. Isso é condição para construir uma democracia social no Brasil. Se a gente pegasse todos os debates que se fazem agora, por exemplo, sobre a reforma da Previdência, eles costumam ser feitos estritamente do ponto de vista do ajuste fiscal. Ninguém pensa que o gasto com servidor público é o gasto do Estado com a atenção à massa trabalhadora, a massa pobre da população. Acho que é preciso recolocar a questão do trabalho referente aos trabalhadores, até porque a maioria esmagadora da população não vive do capital, vive do trabalho.

trêsporquatro: O senhor coloca que, dentro das políticas neoliberais, houve uma precarização do trabalho. O que se observou com relação às políticas que tornaram o trabalho tão deficitário?

E.S.: O ex-presidente da República disse que iria virar a página do getulismo. E virou o lado bom do getulismo, que é o lado da carteira de trabalho. A maioria dos brasileiros não

a tem mais. Significa que não têm mais uma relação formal, de dupla mão, com a sociedade. Por pior que sejam o salário e as condições de trabalho, a carteira de trabalho significa integração social. Quando a gente fala em exclusão social está querendo dizer pessoas que foram expropriadas de direitos básicos. Acho que esta foi a virada mais significativa que aconteceu. Porque o governo, para atrair capitais, grandes investimentos, que nem por isso acabaram chegando, avançou uma das reformas básicas do Fundo Monetário e do Banco Mundial, que é a chamada *flexibilização laboral*. Na realidade, flexibilização quer dizer precarização, quer dizer superexploração da força de trabalho. Então, existe uma massa enorme de trabalhadores que não tem direitos básicos e que, além do mais, ao incidir como força de trabalho, pressionam para baixo a capacidade de negociação da massa contratada formalmente.

trêsporquatro: Mas existe espaço para que todos os trabalhadores tenham carteira assinada dentro dessa economia

em recessão, ou tem que haver um crescimento da economia para se absorver toda esta força de trabalho com os devidos direitos?

E.S.: Olha, não é verdade. Cuba, por exemplo, que é um país pobre, demonstrou, agora, no Índice de Desenvolvimento Humano, que tem uma renda *per capita* mais baixa do que a brasileira e do que a mexicana, e tem índices sociais muito superiores. Quer dizer, o principal exemplo de Cuba é

.....
 "A maioria esmagadora da população não vive do capital, vive do trabalho"

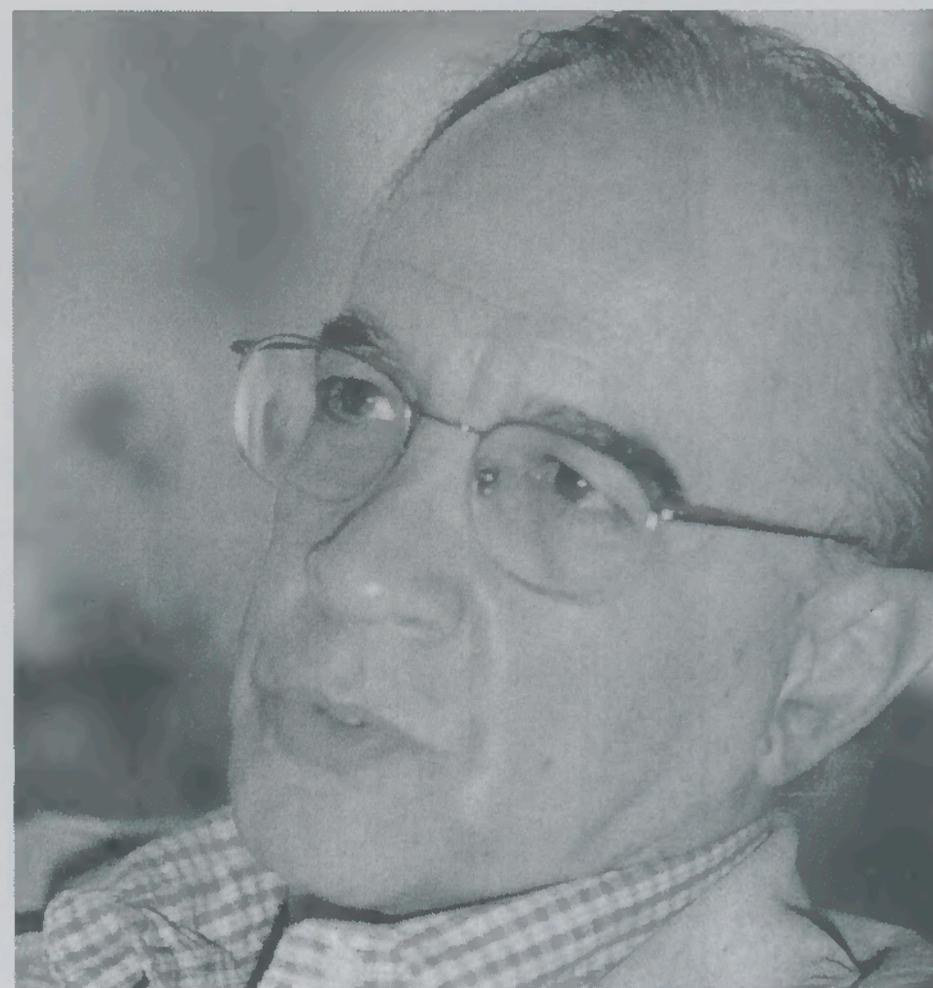


FOTO: DIVULGAÇÃO

que um país não precisa ser rico para ser justo. Basta ele distribuir equitativamente os bens, as riquezas de que dispõe. No caso do Brasil, a incorporação de maior quantidade de pessoas ao mercado formal de trabalho significaria maior capacidade de arrecadação

do governo, significaria mais recursos para a previdência social. Então, acaba-se gerando um círculo vicioso, quanto mais massa de trabalho precária, menor capacidade de arrecadação, maior o déficit da previdência. Aí tem que haver um arrocho maior, ajuste fiscal maior e assim por diante. Portanto, existe uma margem enorme de ganhos, de taxas de lucro nas mãos do capital e que poderão ser, perfeitamente, redistribuídas pela sociedade em termos de mão-de-obra. Acho que não é questão de esperar crescer. No Brasil, se não houver um golpe duro na margem de ganhos do capital especulativo, não haverá justiça social.

trêsporquatro: O senhor destaca que o MST tem uma situação diferenciada, que ele tem uma força que vem da questão agrária não resolvida. Qual é a real importância do movimento?

E.S.: Tiveram alguns pensadores sociais, e até o presidente da República, que achavam que a questão agrária no Brasil era uma questão que não é contemporânea, bastaria dar terra e os trabalhadores desapareceriam como movimento social. Na realidade é um movimento que está articulado com as raízes da formação social brasileira. As análises do Caio Prado, que acho que é o mais importante historiador brasileiro, demonstram isso. O fato de o Brasil ter passado de colônia a república, significou que a escravidão se prolongou até o fim do século XIX. Ao longo destas décadas, os proprietários rurais, os latifundiários, conseguiram, através de formalização fajuta de papéis, da Lei de Terras, se apropriar indevidamente da massa de territórios rurais existentes no Brasil. Quando os negros conseguem chegar à liberdade, já não há terras disponíveis. A questão da escravidão se desdobra na

questão não resolvida da reforma agrária. Acho que é um movimento de plena atualidade e que é criminalizado pela imprensa brasileira de maneira totalmente indevida. Ao contrário, eles são um elemento de integração social, eles conseguem reivindicar cidadania para aqueles que estão abandonados no campo, que são as pessoas mais esquecidas pela elite brasileira, mais que os desempregados urbanos.

trêsporquatro: Qual a importância que o senhor vê na reforma agrária nesta questão do desemprego?

E.S.: Bom, eu acho que este exemplo que foi dado é muito significativo. A imprensa trata como um fator de subversão social o fato de que o MST esteja recrutando desempregados das cidades para incorporar ao trabalho no campo. Mas se a economia urbana não encontra espaço para a gente que emigrou, o retorno ao campo é uma saída possível. Então, a reforma agrária é uma saída real para poder arraigar gente ao campo. Além do mais, propiciar a possibilidade de retorno para aqueles que saíram, não por opção individual, de vida, mas por falta de espaço para poder trabalhar. A reforma agrária é outro instrumento fundamental de criação de emprego.

trêsporquatro: E o MST, teria uma função significativa neste sentido?

E.S.: Claro, eu acho que uma das grandes conquistas democráticas nas últimas décadas é o MST. Obviamente, ele é criminalizado por aqueles que defendem os privilégios da propriedade produtiva. Mas tem que ser reconhecido, apoiado, legitimado, promovido, porque ele promove cidadania de gente que a história brasileira, atingida pelas elites, nunca promoveu.

trêsporquatro: Qual o papel da CUT atualmente? O senhor fala que, neste momento, o governo precisa de apoio popular. Esse apoio poderia vir da CUT?

E.S.: A CUT sofreu, ao longo das duas últimas décadas, as elevadas taxas de desemprego e de precarização do mundo do trabalho. O movimento sindical não é feito para organizar trabalhadores informais, trabalhadores desempregados. A estrutura dele, básica, é para organizar quem tem relações formais de trabalho, e, com isso, a CUT acabou se enfraquecendo pela elevada taxa de desemprego, aberta ou disfarçada, existente no país. No entanto, ela continua a defender um contingente significativo, importante, de peso na economia da sociedade brasileira, que são os trabalhadores do setor privado e do setor público em geral. Ela seria um apoio importante para o governo se o governo de dispusesse a fazer reformas com conteúdo social mais claro.

trêsporquatro: Em relação ao trabalho informal, o que fazer para resolver esta questão?

E.S.: Eu acho que, em primeiro lugar, o governo não pode, como em alguns países existe, ceder crédito, ou qualquer forma de vantagens, para empresas privadas, que não tenha uma contrapartida. A contrapartida fundamental é a elevação da massa salarial, não precisamente do salário, mas do número de trabalhadores empregados. Em segundo lugar, é necessário encontrar, para atividades em que isso não se dê, formas cooperativas de organização. Uma das formas cooperativas de maior sucesso existente no Brasil, e em outros lugares do mundo também, é a organização dos catadores de lixo. Eles conseguiram se organizar com cooperativas, com direitos, com identidade, e têm reivindicações coletivas.

trêsporquatro: Qual a avaliação que o senhor faz do novo governo na questão do desemprego?

E.S.: Se fosse julgar pelos primeiros seis meses, seria uma avaliação extremamente negativa. Todos os índices financeiros melhoraram, Risco-Brasil, dólar. No entanto, como costuma acontecer, melhoram os índices financeiros e pioram os índices sociais. Todos os índices sociais são negativos. Então, se fosse avaliar o governo por este primeiro semestre, eu diria que ele é um desastre social e um sucesso financeiro. O que está na contramão do voto que o Lula recebeu, que era um voto de mudança e de privilégio do social.

trêsporquatro: E o senhor acha que, nestes meses, ele teria tido tempo para fazer alguma coisa ou ainda é pouco tempo?

E.S.: Não, não teria, necessariamente, tido tempo, mas teria condições de apontar um caminho de saída do modelo. Ninguém está dizendo que ele deveria ter saído plenamente do modelo. Mas ele poderia caminhar lentamente, caminhar na direção de saída. Na verdade ele está caminhando para baixo, está aprofundando o modelo atualmente existente.

trêsporquatro: No livro *Manifesto contra o Trabalho*, os autores dizem que o trabalho seria o deus da sociedade moderna e que, na verdade, com a evolução tecnológica, não haveria mais trabalho para todos. A sociedade teria que se reorganizar e

não valorizar mais tanto o trabalho quanto se valoriza hoje...

E.S.: A realidade tem mostrado o contrário. Os Estados Unidos cresceram enormemente nos anos 90 e as jornadas de trabalho aumentaram. Os Estados Unidos passaram a ser o país de maior jornada de trabalho no mundo. Esse livro, eu acho equivocado, porque ele considera que

o trabalho, por definição, é alienado. No capitalismo o trabalho é alienado. Mas o que define a natureza humana é que o homem, com a capacidade de trabalho, tem a capacidade de transformação do mundo. O que ele

precisa é ter um trabalho organizado, consciente, decidido democraticamente o que ele vai fazer, para quem ele vai fazer, e que os avanços tecnológicos revertam em favor do trabalho. Para, aí sim, diminuir substancialmente a jornada de trabalho. Isso sim é possível perfeitamente hoje em dia, diminuir a jornada de trabalho para que todo mundo trabalhe. A reivindicação da periferia do capitalismo ainda é o trabalho, que não está assegurado. Quando estiver assegurado para todo mundo e que for democrático, pode começar a diminuir a jornada, pode começar a introduzir tecnologias que vão no limite e chegar à situação de automação.

trêsporquatro: O senhor não acha, então, que o trabalho é muito valorizado, tanto pela esquerda quanto pela direita? No sentido de que quem não tem emprego não é ninguém na sociedade.

E.S.: Isso é o capitalismo que decide. Todo mundo tem preço, quando o mercado capitalista não contrata a pes-

soa ele está dizendo 'você não vale nada', ou se você vale é 220 [reais], que é salário mínimo, ou uma quantia irrisória. Isso é o mercado capitalista que define, não é um ser abstrato, não é a natureza humana. Agora, uma sociedade justa é uma sociedade do pleno emprego, a sociedade em que todo mundo vive do trabalho, não explora o trabalho alheio e tem direito ao trabalho.

trêsporquatro: Mas não seria valorizado no sentido de pagar bem, mas no sentido de que quem não tem emprego não é valorizado, é como se não fosse ninguém.

E.S.: Bom, acho que é um pouco de

exagero. Na nossa sociedade, quem tem emprego não é valorizado em absolutamente nada. Cadê a identidade social do trabalhador brasileiro? Ele não é nem personagem da telenovela da Globo, ele não é reconhecido nacionalmente. O mundo do trabalho é tratado como um resíduo. Então, eles estão falando de um mundo do trabalho, talvez, da Alemanha, ou de onde eles são originários. Na grande maioria da humanidade, na China, na Índia, no Brasil ainda é uma luta por reconhecimento do trabalho, de direito ao trabalho. Eles falam de um mundinho muito pequeno, europeu, que ainda assim, nem para eles vale. Porque eles têm 12%, 15% de desemprego. E tem o trabalho dos turcos, os turcos têm trabalho e são superdesvalorizados na Alemanha. São milhões de pessoas que são discriminadas. Acho que eles estão falando em uma categoria muito abstrata, não corresponde à realidade social do capitalismo contemporâneo.

trêsporquatro: Nicolau Sevcenko, professor da USP, defende que, com a aceleração tecnológica, perdeu-se a capacidade contemplativa, compreensiva e reflexiva. A gente pode dizer, então, que a velocidade e o trabalho são pivôs na busca de um progresso alienante e concentrador de renda?

E.S.: Com certeza, embora a capacidade contemplativa, que existia anteriormente, sempre foi das elites. Não foi uma capacidade contemplativa da massa da população. Provavelmente, hoje, o que acontece é que também a classe média e as elites tenham uma jornada de trabalho mais extensa. Até porque vivem levando trabalho para casa, para tentar se aperfeiçoar para não perder o emprego. Então, com certeza, a compulsão do trabalho e a diminuição da quantidade de trabalho formal impõem uma velocidade maior e uma invasão da vida privada.

trêsporquatro: E como o senhor vê o papel da grande mídia no convencimento desta necessidade de trabalhar cada vez mais?

E.S.: A mídia tem um discurso fundamentalmente econômico. O discurso fundamental do neoliberalismo é econômico, compulsivo. Então, na verdade, ele é um discurso que está ligado à idéia da produtividade do trabalho. Acho que a mídia tem sido um grande instrumento de presença do poder econômico. Tem sido um ventríloquo do grande capital e das políticas econômicas dos vários governos. A parte de defesa dos direitos de cidadania é uma questão totalmente relegada a segundo plano, uma visão esquizofrênica. São a favor das políticas econômicas mas não se dão conta do desastre social que elas produzem. ■

.....
 "Todo mundo tem preço. Quando o mercado não contrata, está dizendo: 'você não vale nada'"

.....
 "O trabalhador não é nem personagem de telenovela da Globo"

■ TRADIÇÃO

Profissões que resistem ao tempo

Leiteiro e ferreiro vivem cenas de uma época quase extinta

Por Luiz Fernando Abruzzi

jacobbhoeme@yahoo.com.br

Com 72,8 km² e uma população de 183.968 habitantes, o município de Alvorada, a 16 quilômetros do Centro de Porto Alegre, convive no seu dia-a-dia com aspectos tipicamente urbanos. É classificado como uma cidade-dormitório — um local onde o trabalhador passa a noite, enquanto no restante do dia trabalha em outra localidade. Apesar disso, ainda possui uma pequena área rural, que sobrevive em números cada vez menores frente à industrialização crescente e à globalização econômica: do total da população, apenas 603 habitantes ainda resistem em pequenas propriedades de até 40 hectares.

ALIMENTANDO A CIDADE

Décio Alano da Silva, 66 anos, e sua esposa Rosa Freitas da Silva, 65, trabalham todos os dias em uma pequena propriedade de cinco hectares localizada no Bairro Americana, a três quilômetros da área central da cidade. Por volta das cinco horas da manhã, diariamente, eles acordam para dar início a uma das mais antigas atividades econômicas desenvolvidas pelo homem: a ordenha de leite.

Dentro da pequena casa tudo é muito simples, assim como seus moradores. Seu Décio já foi caminhoneiro e dono de uma madeireira no bairro. Hoje é leiteiro e diz gostar do que faz, e que na verdade teve muitos problemas para administrar os negócios na época em que teve a madeireira.

A experiência nas lidas agrícolas vem da família: “Meu pai foi agricultor. Nós viemos de Araranguá, em Santa Catarina”, comenta. O terreno onde moram hoje ele e sua esposa pertence a uma economista que mora em Uruguaiana.

A FAMÍLIA E O SUSTENTO

Dona Rosa já está aposentada, mas seu Décio ainda não. O trabalho no sítio é todo artesanal e o pequeno lucro que conseguem é dividido entre a criação de porcos (cerca de vinte), sete vacas, um touro e a horta, que está sem cultivo devido à saúde de Décio. Há quinze anos o agricultor sofre de problemas na coluna: “A mulher me ajuda muito porque para tirar o leite da vaca eu tenho de ficar de joelhos”, enfatiza. O leite e o queijo são vendidos de porta em porta pelo bairro, pois, segundo ele, se vendesse para os fabricantes

não teria o mesmo lucro: “Pela produção que a gente tem aqui, se eu fosse vender a 30 centavos o litro do leite que eu vendo a um real na carroça, eu morreria de fome”, lamenta. Décio já teve um empregado,

porém, a experiência não deu certo, pois ele teve um de seus melhores animais roubados: “Eu pagava um empregado, mas ele era viciado, e o viciado tu podes dar ouro derretido e ele gasta tudo”, declara.

Enquanto ordenhava, seu Décio contou um pouco de sua vida: “Há

dezessete anos que nunca tiro umas férias, sempre trabalhando aqui, de segunda a domingo”. Sobre os oito filhos que teve com Décio, dona Rosa diz que apenas um os visita regularmente: “Ele esteve aqui uns tempos, mas eu o aconselhei a continuar no emprego, porque ele é vigilante. Eu disse que ele não ia achar outro emprego desses”. Uma das filhas era estudante de jornalismo, mas não chegou a se formar: “O marido não a deixou atuar na área dela. Ele é administrador de empresas. Os outros filhos estão todos mais ou menos”. Os netos gostam muito dos avós, segundo seu Décio: “Eles vêm aqui de vez em quando e se divertem bem, a gente gosta muito deles”.

O FERRO SOBREVIVE AO AÇO

No bairro Intersul, em pleno espaço urbano, vive Gregório Cardona de Oliveira. O bem-humorado homem de 61 anos de idade possui uma pequena forja movida a pedal, criada por ele, e com a qual fabrica vários tipos de ferramentas. Gregório conta apenas com um ponteiro de aço, uma marreta de três quilos, um pouco de carvão e muita criatividade, como os ferreiros fazem há séculos.

A vida de ferreiro começou cedo para Gregório. Nascido na cidade de Santana do Livramento, aos oito anos já ajudava o pai em uma ferraria que pertencera ao avô, sendo já um trabalho da família há quase um século. Sempre de bom humor, ele diz: “Eu faço um pouco de rudo, só que uma ponta para serralheria eu tenho que cobrar uns trinta centavos cada, senão não vale a pena”. Para colocar uma ferradura, Gregório diz que é necessária muita

prática. Para não machucar o animal, é preciso saber colocar os cravos no casco. Ele chegou a aprender técnicas de aperfeiçoamento durante o período de serviço militar: “Servi no Sétimo Regimento de Cavalaria de Livramento. Eu era cabo especialista. Lá eu aprendi um pouco mais, um pouco além na profissão”.

A VIDA E A FAMÍLIA

Casado há 43 anos com América Goulart de Oliveira, Gregório tem oito filhos: “Um deles, o único filho homem que eu tenho, é serralheiro, serralheiro de primeira”, elogia. A profissão é um dos orgulhos de seu Gregório, que mostra uma de suas criações: “Esta forja que está aqui fui eu que fiz. Ela não tem motor para movimentar o ar, é feita de pedal, qualquer criança pode mexer com ela. Eu não troco por essas movidas a motor, não troco mesmo!”.

Era quase meio-dia quando encerrei a entrevista. Despedimo-nos com um forte aperto de mão, daqueles que só um trabalhador sofrido sabe trocar. Saí dali com uma forte impressão sobre o mundo do trabalho e com um presente no mínimo curioso: um cravo de ferradura. ■



FOTOS: L. F. ABRUZZI



RISCO

O peso do trabalho

Nas profissões de alto risco, acidentes brutais podem passar despercebidos pela chefia

Por Lucas Bertí e Alexandre Kramer Castro

lucas@safras.com.br

malexramone@yahoo.com.br

Chegávamos por volta das 11 horas de uma sexta-feira na mais próxima serraria de pedras ornamentais da Capital gaúcha. A razão social era Granito Itaguaíba – a 50 quilômetros de Porto Alegre e a uma distância bastante incomum para empresas que atuam nesta atividade, haja vista que as principais jazidas de extração mineral de granito e mármore ficam na Região Sul do Estado. Na entrada da serraria, o portão velho e enferrujado separava nossos olhos curiosos de uma guarita, que não nos permitia ver e apenas imaginar o que havia atrás dela. Não enxergávamos as pedras e tampouco a fábrica a olho nu. Finalmente, depois de alguns minutos de espera, conseguimos entrar no local por meio de uma das funcionárias que não se absteve em nos receber bem.

Caminhamos uns cem metros até chegarmos ao primeiro tear, nome dado por eles ao local onde pedras de 35 toneladas chegam em blocos e são cortadas em chapas. A experiência nos trouxe a prerrogativa de não deixarmos faltar qualquer detalhe, porque nestes teares o barulho das máquinas era ensurdecedor. Três funcionários acompanhavam o movimento das lâminas que deslizavam sobre as rochas. Ao mesmo instante, um detalhe podia ser observado: nenhum desses empregados parecia se importar com o forte ruído proveniente dos teares. Não usa-

vam protetor auricular e os líquidos derramados – uma mistura de cimento com cal, usada para facilitar o corte das pedras – eram jogados para todos os lados de tal forma que os deixavam inteiramente cobertos da coloração cinza da mistura.

Um dos funcionários declarou ao jornal 3x4 que toda aquela atividade era de grande periculosidade, principalmente pela necessidade de estar perto das lâminas. “A gente sabe dos riscos, mas nunca aconteceu nada”, disse enganado. Tinha acontecido sim, mas algo muito pior do que um simples acidente. É que não fora o tear o local da tragédia, e sim os guindastes da empresa, há cerca de três anos. Ficamos espantados ao descobrir, por meio da funcionária que nos acompanhava na reportagem, que uma das pedras, ao ser removida para o corte caíra de uma altura de dez metros diretamente sobre um dos empregados. “Nós o avisamos algumas vezes, mas não adi-

antou”, explicou. Ela conta que, antes da tragédia, o tal trabalhador, do qual não lembra o nome, foi obrigado pela empresa a assinar três advertências pelos descuidos com sua segurança. “O fato não repercutiu porque a Justiça viu como acontecimento improcedente de culpa de nossa parte”, esclareceu.

Todos os relatos dados por outros funcionários levam a crer, por um lado, que a culpa no caso era indiscutivelmente de um sério descuido. A moça acredita que em uma empresa como uma serraria o nível de escolaridade dos funcionários é baixo, dificultando a apreensão por parte destes em relação aos procedimentos de segurança. “A gente vive lembrando o pessoal de usar botas, luvas, protetores de ouvido, capacetes, só que é difícil fazê-los entender”, lamentou.

OS ACIDENTES EM NÚMEROS

Há locais cujo estilo de atividade laboral

não parece ser algo muito diferente dos serviços realizados normalmente nos centros urbanos. Porém, poucos lembram que se trata de trabalhos que envolvem riscos incalculáveis. Segundo a funcionária da Grani-

to Itaguaíba, que nos relatou o caso, nas reservas de extração de rochas ornamentais, o procedimento de dinamitar pode custar um braço, uma perna ou uma vida nos escombros. “Destes lugares o maior problema é que as vozes não ecoam”, ironizou.

Conforme dados do Ministério da Previdência Social, apurados entre os anos de 2000 e 2001, o número de acidentes no Brasil em consequência do trabalho foi cerca de 363 mil em 2000, ao passo que em 2001 esse número caiu para 339 mil. O índice de vítimas fatais causados por acidentes no trabalho também diminuiu de 3094 para 2557 no mesmo período. O Rio Grande do Sul é o terceiro da lista dos estados nacionais com o maior número de ocorrências de acidentes de trabalho, atrás de São Paulo e Minas Gerais. Em 2001, foram em torno de 35 mil casos, três mil a menos que no ano anterior. ■

FOTOS: LUCAS BERTI



■ AGRICULTURA

Um projeto coletivo

Como vivem e trabalham os moradores de um assentamento do MST

Por Simone Fernandes e Veridiana Dalla Vecchia

simonefernandesbr@yahoo.com.br veri.dv@uol.com.br

Depois de uma semana de chuva, mesmo com sol, ainda há muitas poças d'água por todo o assentamento. Para se ir de Porto Alegre a Charqueadas, leva-se uma hora e dez minutos. Quem chega na rodoviária descobre que tem que esperar até o meio-dia pelo único ônibus que faz o percurso até o Assentamento 30 de Maio, a meia hora dali. É uma linha destinada a levar e buscar as crianças na escola, que vai até lá três vezes por dia, pela manhã, ao meio-dia e no fim da tarde.

No ônibus que leva até o assentamento, um dos agricultores está voltando para casa. Ele logo se identifica, é Leocir José Cazarotto, a quem todos chamam de Loa. Em meio ao percurso, começa a dar informações sobre o Movimento e a explicar de quem são as fábricas e terras que beiram a estrada, quase toda de chão.

Na chegada, conta que a área tem 850 hectares, onde vivem mais ou menos 200 pequenos agricultores. Assentados no local há 11 anos, 27 do total de 45 famílias trabalham coletivamente, em sistema de cooperativa, a Copac (Cooperativa de Produção dos Assentados de Charqueadas). Eles moram numa pequena vila, com escola, creche, quiosque, quadra de vôlei, campo de futebol, centro de reuniões e padaria. As 18 famílias que preferiram trabalhar individualmente moram em lotes separados, de 18 hectares e meio cada um.

No almoço, na casa de uma das famílias, é servido sopa com muitos legumes, aipim frito, salada verde, ovos mexidos. Na televisão, Lasier Martins faz seu comentário no *Jor-*

nal do Almoço, justamente sobre o conflito dos sem-terra com os fazendeiros em São Gabriel. Para ele, era preciso garantir a segurança no local, enviando para lá a Brigada Militar. Loreci Marcon, a mãe da família, conta que quando chegaram ali continuaram vivendo em barracos de lona e não havia água nem luz. Segundo ela, o início foi muito difícil. Mas nada muito surpreendente para quem passou anos acampado. Seu filho mais velho, de nove anos, muito falante, diz que quando crescer quer continuar trabalhando na terra, como seus pais. Conta que havia estado em Porto Alegre num encontro dos "sem-terrinhas", quando ele e as outras crianças entregaram um

caranguejo a um representante do Incra, "naquele prédio da rampa". Indagado sobre o motivo da entrega, responde: "porque só anda pra trás".

Vindas de famílias de pequenos agricultores, a maioria do norte do estado, essas pessoas juntaram-se ao MST a fim de conseguir um pedaço de terra para sustentar a si e a sua família. Em 30 de maio de 1991, data que dá

nome ao assentamento, eles ocuparam a Fazenda Capela, no município de Santa Rita. A partir desta ocupação, foram assentados no município de Charqueadas, em uma área do Estado, ao lado de um dos presídios da cidade. Conforme Leocir, só tinham a terra e a vontade de trabalhar. Aos poucos, com ajuda de financiamentos, foram transformando o lugar.

Loa orienta a visita e fala sobre as atividades dos assentados. Na casa onde mora com a esposa, Ivanete Tonin, um grande quadro de Che Guevara, ao lado da foto do casal, revela suas convicções. Espalhadas pela sala, a bandeira de Cuba e a do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, além de fotos de Sebastião Sal-

gado. Ele fala com orgulho de sua mulher, explicando que, apesar de já terem terra, todos ali continuam pertencendo ao Movimento. Por isso, duas pessoas são liberadas para trabalhar

junto ao MST. Uma delas é Ivanete, que esteve em Cuba ao lado de Fidel Castro, com quem tirou uma foto que hoje fica na estante da sala. Naquele momento, Ivanete Tonin estava a caminho de São Gabriel, junto com trabalhadores sem-terra que marcham à cida-

de para ocupar as terras desapropriadas pelo Incra, que uma liminar requerida pelo dono da área os havia impedido de tomar posse.

A Cooperativa é dividida em cinco setores, cada um com um coordenador. Essas pessoas formam a direção da Copac. São escolhidas por uma assembléia, que vota em um dos três nomes indicados por cada setor. Todas as questões que envolvem a maioria são resolvidas conjuntamente, enquanto as decisões rotineiras são tomadas no próprio setor. Implementos agrícolas, lavoura extensiva, transporte e reflorestamento formam uma dessas divisões. Os outros são o da horta, o dos animais, o mercado e o social. Algumas atividades são independentes, como recepção, contabilidade e lazer; isso porque



FOTO: VERIDIANA DALLA VECCHIA



FOTO: VERIDIANA DALLA VECCHIA

as pessoas que as organizam também trabalham em algum setor.

Todas as pessoas no assentamento ganham por hora trabalhada e a hora de todos tem o mesmo valor. Desde o motorista até o coordenador, o caixa do mercado, quem tira o leite ou trabalha na horta, todos ganham o mesmo por tempo trabalhado. Loa defende que cada tarefa é importante, pois para alcançarem seus objetivos, várias coisas precisam ser feitas, e cada um deve se sentir responsável. Se uma delas for mais valorizada, todos vão querer fazê-la e haverá uma disputa por esse posto, prejudicando o grupo.

Para decidir onde cada um vai trabalhar, verifica-se onde estão faltando pessoas e se há alguém disposto a ir para lá. Se não houver, a assembléia decide o que será feito. O que a maioria achar melhor tem que ser respeitado. "O que predomina é a necessidade", afirma Loa. Loreci, a anfitriã do almoço, trabalha na creche porque tem reumatismo e o trabalho da lavoura é muito pesado para ela.

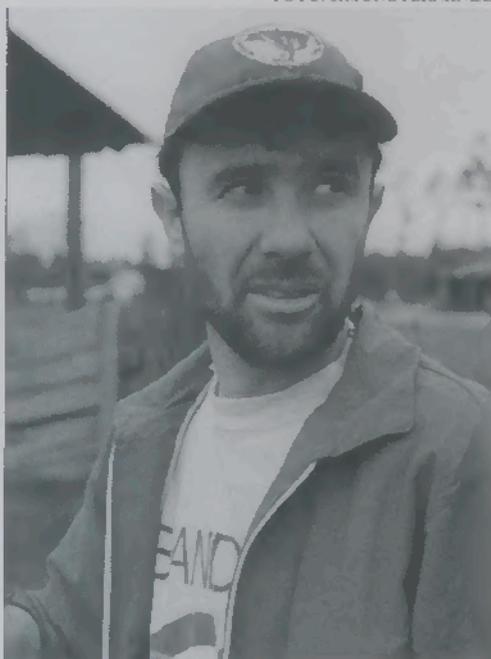
Depois da conversa, é hora de conhecer na prática a produção, que é bastante diversificada. Assim, segundo eles, há mais chance de sobreviver no mercado sem cair na monocultura. As famílias acreditam que juntas conseguem economizar mais, aumentar o volume de produção e, as-

sim, melhorar as possibilidades de negociação. Desta forma, conseguem financiamento com mais facilidade. O planejamento anual dos investimentos é feito com a orientação dos técnicos da Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), que acompanham as atividades do assentamento desde o seu início.

A Copac possui cerca de 220 cabeças de gado, utilizadas para a produção de leite. Como a área para a criação não é muito extensa, os animais são mantidos no sistema de pastoreio rotativo, no qual eles passam de um piquete para outro. Com este método,

dá-se tempo para a pastagem de uma área se recuperar até que seja o momento da nova utilização. O próprio esterco contribui para o restabelecimento do solo. Todo sistema de ordenha é mecanizado e há lugar para 16 vacas de cada vez. A cooperativa também tem criação de porcos e galinhas de postura, para venda e consumo próprio. Os porcos são mantidos ao ar livre até os dois meses de idade e depois vão para as pocilgas para engordar. Esse sistema diminui a exposição dos leitões às doenças.

FOTO: SIMONE FERNANDES



“Os assentados têm a cultura do camponês, de não querer participar; porém a participação é necessária”

Por todo lado, frases pintadas nas paredes das construções e em placas, vê-se afirmações como “O trabalho constrói o ser humano”,



FOTO: SIMONE FERNANDES

de Che Guevara, ou “Fazer é a melhor maneira de dizer”, de José Martí. Também há frases de Zumbi, do Hino Nacional e uma de um sem-terra: “a semente é um símbolo de resistência”. Segundo eles, significa que a semente é um patrimônio, porque quando as famílias precisarem comê-las, acaba a resistência. Sobre a frase de Che, Leocir comenta que “o trabalho constrói porque, no momento em que você está trabalhando, você tem a oportunidade de fazer, então, você é uma pessoa digna”.

Os assentados têm lavouras de arroz, milho, aipim, cana, bergamota e laranja. Uma barragem de 94 hectares foi construída para irrigar a plantação de arroz. Há o tradicional e o arroz com peixes, técnica chamada de rizipiscicultura. Os peixes são criados na água que irriga o arroz, alimentando-se das ervas daninhas, mas não prejudicam a cultura.

Seguindo a idéia de preocupação com o meio ambiente, 27 hectares foram reflorestados com eucaliptos, recuperando as áreas mais degradadas, com recursos do Pró-Guaíba. A plantação de hortaliças também segue a premissa de que é preciso tratar bem da terra e, por isso, toda a plantação é ecológica, sem uso de agrotóxicos. Ela tem enormes canteiros de alface, repolho, couve, beterraba, cenoura e outros legumes e verduras. Há também uma estufa para o viveiro de mudas. Ao lado da horta, há uma réplica do mapa dos cinco continentes utilizado nos cartazes do III Fórum Social Mundial. Ele foi feito com tocos de madeira pelos dois mil integrantes da Via Campesina que estiveram visitando o lugar, junto com alguns intelectuais como Noam Chomsky, que considera o MST o maior movimento social do mundo, e Aleida Guevara, filha de Che, durante o Fórum. O lingüista norte-ameri-

cano plantou uma árvore e conversou com os assentados durante sua visita. Conforme os moradores, são recebidas em média duas mil pessoas por ano para conhecer o assentamento, sem contar as que estiveram lá durante o FSM.

A escola é de 1ª a 4ª série, depois as crianças vão estudar em Charqueadas. Loa relata que o ensino ali é voltado para a realidade deles, “eu aprendi que o ‘T’ era de tatu, aqui o ‘T’ é de terra”. Na porta de cada sala de aula, um pôster com a foto de Paulo Freire; dentro delas, a bandeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Eles acham que as crianças devem ser educadas de forma diferente. Segundo

ele, “aqui os filhos aprendem a viver em comunidade, a viver o coletivo, aprendem a mudar o ‘meu’ pelo ‘nosso’”.

Trabalhar coletivamente também facilita as férias dos assentados. Enquanto algumas

famílias saem para descansar, as outras mantêm as rotinas básicas dos moradores que ficam.

Os produtos da Cooperativa são vendidos em um supermercado construído por eles que fica na zona urbana de Charqueadas. Lá, além da produção própria, são oferecidas mercadorias de outros assentamentos e marcas tradicionais. Ao todo, 18 pessoas trabalham no mercado, sendo que duas não pertencem ao assentamento e possuem carteira assinada.

Em 11 anos de convivência, nunca tiveram grandes discussões. As divergências de idéias, na maioria das vezes sobre investimentos, são resolvidas em assembléia. Loa diz que eles têm a cultura do camponês, de não querer participar das coisas, entretanto, a participação é necessária: “As pessoas sabem que é através da assembléia, através da reunião, que se dá o encaminhamento. Essa é a via, não tem outro jeito”. ■



FOTO: SIMONE FERNANDES

■ HISTÓRIA

Do arado ...

Uma breve história do trabalho, desde os primórdios agrícolas da Idade Média até a mecanização excludente dos dias atuais

Por Juliano Bruni Pereira

julianobp@hotmail.com

O trabalho a compo a história do ser humano desde seu princípio. O homem se fez através do trabalho e há quem afirme que somente se realiza plenamente pelas atividades produtivas, fonte de riqueza e, sobretudo, dignidade. Não há dúvida que paira sobre a ocupação diária do homem a importância de agente transformador do mundo. No entanto, os diferentes sistemas de produção aplicados pelas diversas sociedades são motivos de controvérsias, dúvidas e inquietações. As causas para as constantes reflexões acerca do trabalho estão na própria trajetória da Humanidade, nas relações que as forças produtivas travam com o próprio trabalhador. Neste sentido, *História da Riqueza do Homem*, do jornalista e historiador americano Leo Huberman, aparece como um dos mais importantes referenciais, tanto para a compreensão da história ocidental sob o ponto de vista econômico – decorrente direto das relações de trabalho –, como da teoria econômica sob o ponto de vista histórico.

O primeiro aspecto peculiar em relação ao trabalho não é, propriamente, sua evolução e suas técnicas empregadas desde o início dos tempos. O mais significativo é verificar que a Idade Média, localizada muitos séculos à frente da origem das atividades produtivas, conservou quase que inteiramente a essência do trabalho: a subsistência. Não havia a mínima noção – e intenção – de excedentes. O feudalismo mantinha atrelados à terra todos os trabalhadores, que não apenas dedicavam seu tempo e esforço à própria sobrevivência, mas também sustentavam a nobreza e o clero. O sistema de trabalho estava baseado na relação servil entre camponeses

e senhores feudais, com suas conhecidas distorções.

O servo não era, numa análise moderna, um escravo. Apesar da origem do termo (da palavra latina *servus*, que quer dizer 'escravo'), os camponeses mantinham-se estabilizados socialmente como arrendatários das terras pertencentes às classes mais abastadas. Entretanto, permaneciam "sufocados" pelas relações mantidas com nobres e religiosos. Basicamente, esta é a síntese do período medieval: nobres que lutam, religiosos que rezam e servos que trabalham.

Além do jugo dos senhores, os trabalhadores estavam sob a influência direta da Igreja. A participação de religiosos em assuntos seculares tornou-se uma constante e, em poucos séculos, a instituição já contava com quase um terço das terras cultiváveis da Europa. Uma das fontes de riqueza dos clérigos e abades medievais era a cobrança do dízimo, pesadamente imposto sobre os trabalhadores. Agricultores e camponeses eram obrigados a entregar não apenas um décimo exato de toda a sua produção. Cobravam-se dízimos de lã e até mesmo da penugem dos gan-

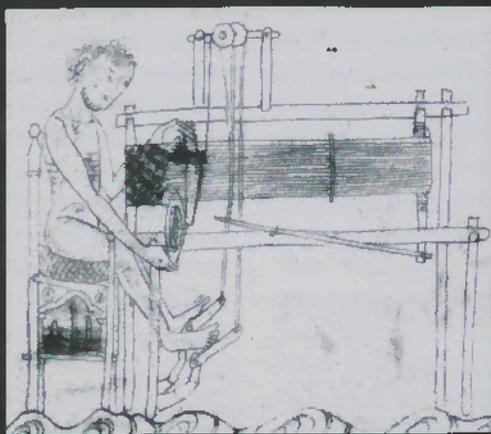
balhadores, aos poucos ia firmando-se.

O historiador Boissonnade, em sua obra *Vida e Trabalho na Europa Medieval*, resume assim o período: "o sistema feudal, em última análise, repousava sobre uma organização que, em troca de proteção, frequentemente ilusória, deixava as classes trabalhadoras à mercê das classes parasitárias, e concedia a terra não a quem a cultivava, mas aos capazes de dela se apoderarem".

.....

A concentração de riquezas, às custas do trabalhador, aos poucos ia firmando-se

.....



ficados feudos, em confluências de estradas e motivados pelo movimento proporcionado pelas Cruzadas e também pelo aumento acentuado da população, cada vez mais camponeses dedicavam-se às relações mercantis de compra e venda de mercadorias.

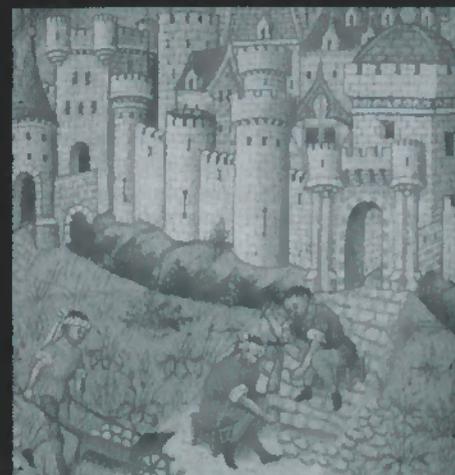
O centro de todo o processo evolutivo do comércio foram as cidades da planície Champagne, ponto de encontro entre os mercadores que vinham do norte da Europa e os que cruzavam os Alpes, vindos do sul. As feiras começaram a ocorrer a partir do século XII, nas cidades de Lagny, Provins, Bassur-Aube e Troyes.

Uma das conseqüências naturais do surgimento do comércio foi o

dinheiro. Os mercados integravam-se e era necessário um novo sistema para facilitar a sua operacionalização. O dinheiro permitia uma troca segura de mercadorias por alguma coisa de valor simbólico, mas igualmente real. O comércio ocasionou igualmente o crescimento das cidades, sobretudo na Itália e Holanda. A urbanização crescente foi um dos principais legados da expansão comercial ocorrida na Europa a partir da segunda metade da Idade Média. Com o desenvolvimento do comércio, foram abertos novos postos de trabalho e houve uma grande afluência de camponeses às cidades, a fim de obtê-los. "Os direitos que mercadores e cidades conquistaram", afirma Huberman, "refletem a importância crescente do comércio como fonte de riqueza".

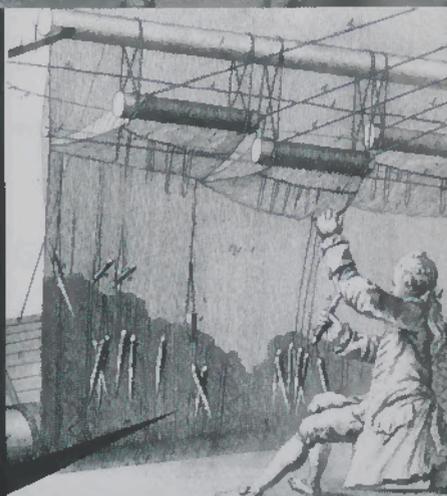
De fato, os negociadores ascendiam economicamente, o que provocou algumas divergências na estrutura social da época. Um autor medieval assim se manifestou: "Quem tem o bastante para satisfazer suas necessidades, e não obstante trabalha incessantemente para adquirir riquezas, seja para conseguir uma posição social melhor, seja para viver mais tarde sem trabalhar, ou para que seus filhos se tornem homens de riqueza e importância, todos estes estão dominados por uma avareza, sensualidade ou orgulho condenáveis". Velhos costumes e conceitos mais tradicionais ainda foram confrontados com a prática deliberada do comércio, a nova atividade produtiva de milhares de pessoas. A cobrança de juros foi elevada à condição de pecado mortal e a Igreja se empenhava em condená-lo. O mesmo ocorria com a usura.

A Europa passava, claramente



REPRODUÇÕES





te, por um período de readaptação do regime de trabalho. Agora a produção distinguia-se entre o campo e a cidade. Na agricultura, os senhores feudais passaram a receber arrendamentos dos servos em troca da liberdade de trabalho. Não seria mais necessário aos camponeses trabalhar a terra do senhor. Este concluiu ser mais vantajoso o trabalho livre do que o servil e alugava os serviços mediante pagamento de salários. Mas a Igreja mantinha-se veementemente contra a emancipação dos trabalhadores.

As corporações, associações de artesãos detentores de conhecimentos específicos sobre determinado ofício, desempenharam papel fundamental na origem da indústria. Leo Huberman destaca que "a unidade industrial típica da Idade Média era a pequena oficina, tendo um mestre como empregador em pequena escala, trabalhando lado a lado com seus ajudantes". A distância entre trabalhador e patrão não era muito grande. Os degraus da escada de ascensão, de aprendiz a mestre, não estavam fora do alcance dos trabalhadores.

As corporações monopolizavam a produção de mercadorias e o trabalho. Aqueles que não tinham direitos em nenhuma destas organizações estavam à mercê dos industriais mais ricos, e trabalhavam em condições miseráveis e por salários irrisórios. Formaram a primeira massa proletária moderna, munida apenas de sua força de trabalho e dependente do empregador e das condições do mercado, este último um novo elemento das relações sociais e do próprio trabalho.

A crescente indústria deu origem a uma nova classe, originada

das cercanias dos burgos onde se realizavam intensas transações comerciais. A rica burguesia tomara o lugar do senhorio feudal e agora ditava as ordens.

O estágio seguinte no progressivo desenvolvimento do trabalho é o capitalismo comercial, impulsionado pela burguesia. O capital acumulava-se na circulação, ou seja, no comércio, e não na produção. A acumulação de capital por parte das grandes potências - sobretudo Inglaterra, França e Países Ibéricos -, criou as condições para a Revolução Industrial desencadeada no século XVIII.

O mercantilismo abriu as portas para a verdadeira transformação iniciada na Inglaterra a partir da segunda metade dos anos 1700. O trabalho assalariado se instala, separando claramente os possuidores de meios de produção e o exército de trabalhadores, normalmente miseráveis. As novas descobertas científicas estabeleceram o tecnicismo e as massas de desempregados aumentaram, bem como o número de trabalhadores explorados pelos donos do capital.

Inicialmente restrita à Inglaterra - a "oficina do mundo" -, a Revolução Industrial alterou profundamente as condições de trabalho. Mulheres e crianças passaram a ser aproveitadas junto às máquinas, no intuito de pagar-lhes o menor salário possível. A exploração do trabalho infantil revelou os horrores do industrialismo da época. Crianças de sete a 15 anos freqüentemente eram encontradas nas fábricas das cinco horas da manhã às oito da noite, trabalhando de pé e tendo descontado de seu salário o tempo que as máquinas permaneciam paradas para reparos. Constantemente eram registrados acidentes graves. As condições de vida nas cidades industrializadas eram extremamente precárias e pioravam rapidamente, sobretudo nas áreas habitadas pelo proletariado. Outra consequência direta da

Revolução foi o demasiado crescimento populacional. Em 1801, a cidade de Manchester, por exemplo, registrava uma população de 35 mil pessoas. Em 1841 este número atingiu a marca de 353 mil.

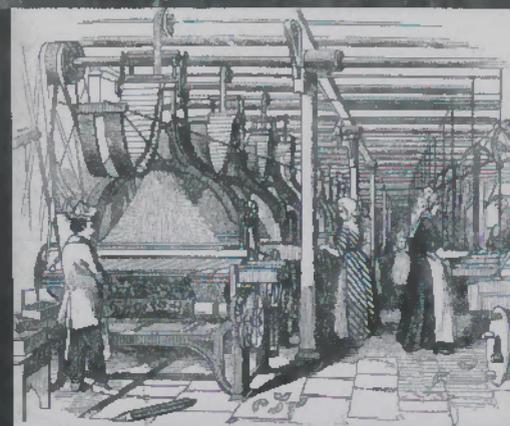
A transformação iniciada na Inglaterra espalhou-se por toda a Europa. Bélgica, Alemanha, França, Itália, Suécia e Rússia reproduzem o sistema de industrialização às custas do operariado e a mecanização atinge os Estados Unidos e o Japão.

A Revolução Industrial concentrou os trabalhadores em fábricas. O aspecto mais importante, que trouxe radical transformação no caráter do trabalho, foi a separação entre o capital e os meios de produção (instalações, máquinas, matéria-prima) e o trabalho.

O operariado passou a assalariado dos capitalistas. A situação de miséria dos trabalhadores levou à revolta milhares de pessoas. Iradas, massas de operários destruíram máquinas em Lancaster, em 1769 e em Lancashire, em 1779. O fato é uma pequena amostra do desespero da classe trabalhadora pós-Revolução.

Com a descoberta de novas fontes de energia, a partir de 1870 ocorre a Segunda Revolução Industrial. A energia elétrica, o petróleo e o aço passaram a ser utilizados em larga escala, superando as máquinas a vapor e estimulando uma corrida armamentista.

As novas tecnologias e a mudança na estrutura do trabalho representaram alterações muitas vezes drásticas na vida dos trabalhadores. Mas incentivaram o desenvolvimento urbano, a pesquisa científica e melhorias consideráveis em algumas áreas sociais.

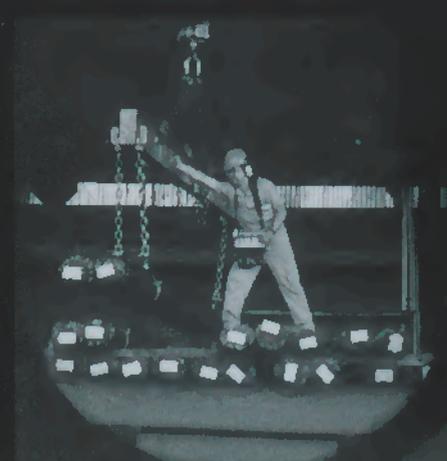


O modelo de trabalho assalariado permanece até hoje. Desde a Revolução Industrial do século XVIII, manteve-se a ordem básica do sistema capitalista - empregadores e empregados, normalmente com os primeiros situando-se no topo da pirâmide social. Em 1917, no entanto, esta premissa foi quebrada com a Revolução Russa, fortemente incentivada pelas idéias socialistas de Marx. O país resultante desta experiência, a União Soviética, planejou a economia e controlou o trabalho, de forma que fosse realizado coletivamente, seguindo as rígidas normas do Gosplan, o órgão especializado em desenvolver os planos do país. A efetivação do socialismo real terminou em 1991 com a desintegração da URSS nas 15 repúblicas que a compunha e mais algumas outras nações do Leste Europeu. Desde então, assiste a sua inserção na economia capitalista, muitas vezes com dificuldades extremas, como na metade da última década.

A mecanização e a posterior informatização trouxeram agravo à situação do trabalhador contemporâneo. Ao mesmo tempo em que cresce a exigência de conhecimento técnico para a operacionalização das novas máquinas e a oferta por postos de trabalho com este fim se prolifera, aumentam também as fileiras de excluídos. Desde a linha de montagem concebida por Henry Ford no início do século XX, o mundo constantemente reinventa a automação do trabalho, atualmente confiada aos computadores, num processo que revela-se benéfico e eficiente, mas que também ocupa o espaço antes pertencente unicamente ao trabalhador. ■



Iradas, massas de operários destruíam as máquinas



... à automação

ARTIGO

O trabalho onipresente

O papel das novas tecnologias na religião do trabalho

Por Felipe Grüne Ewald

sichkan@yahoo.com

A crítica ao trabalho aponta em várias direções. Em cada uma delas revelam-se diferentes faces daquilo que ocupa nossas vidas de maneira sempre mais arrebatadora.

O trabalho torna-se cada vez mais onipresente e é considerado indispensável para a vida de todos, sem exceção. Um raciocínio que seria de difícil compreensão para os habitantes da Grécia Clássica, onde o trabalho era relegado aos escravos.

Impregnado pela idéia de sofrimento em sua etimologia, o trabalho atinge a todos nós de diferentes formas e intensidades. Aqui se tratará de sua entrada na esfera doméstica através das novas tecnologias. Esse fenômeno se observa mais intensamente entre pessoas de poder aquisitivo mais elevado, pois são os que têm acesso a tais tecnologias.

Telefone, contas, agenda, desculpas, mentiras. No canto da sala, o bebê dorme. Néelson derruba café na última versão do processo, grita, soca o computador, joga a xícara no chão e suja também tapete e meias. No canto da sala, o bebê dorme. É o chefe no celular de novo, quer saber quando vai estar pronto, quer que envie formatado, em Arial corpo 10 espaço duplo. No canto da sala, o bebê dorme. E Néelson pensa em cobrar os atrasados mas não sabe onde enfiou a carteira, só desliga e começa a procurar pelas milhares de pastas virtuais onde enfiou o processo. No canto da sala, o bebê dorme.

NOVAS TECNOLOGIAS

Seguindo a lógica capitalista do progresso irrefreado, desenvolveu-se, a partir das últimas décadas do século XX, a terceira revolução industrial. Dela nota-se, de forma mais acentuada, as novidades advindas do campo da microeletrônica, assimiladas rapidamente ao cotidiano.

Essa assimilação se dá por imposição, uma vez que o mundo do trabalho exige a constante atualização como requisito para seguir existindo aos olhos do 'mercado'. Como já assinalou Nicolau Sevcenko, na pressa de acompanhar a velocidade

das inovações, deixamos de refletir sobre o quanto os movimentos adaptativos e toda essa aceleração de fato contemplam nossas necessidades.

Dentro das novas tecnologias, a área das telecomunicações é talvez onde melhor se vê a obsessão pela novidade, pelo desenvolvimento de novas técnicas.

É facilmente observável, nos diferentes ambientes das cidades, o uso indiscriminado que se faz do telefone celular, por exemplo. Ele é utilizado para todos os assuntos, dos

mais fúteis aos mais relevantes, nos mais variados locais.

Não se quer aqui condenar as novas tecnologias, mas sim a condição irrefletida e acrítica como são usadas e desenvolvidas.

Acha o arquivo, abre, o computador trava, um carro passa em alta velocidade e o barulho invade sem pudor a casa. No canto da sala, o bebê acorda.

TRABALHO

Dentro deste uso acrítico e irrefletido das novas tecnologias é que estas assumem uma configuração nociva na relação com o trabalho.

À medida que incorporamos as inovações tecnológicas das telecomunicações, abrimos uma passagem aos momentos domésticos e pessoais. Até certo ponto, nos tornamos ininterruptamente contactáveis. Qualquer um que tenha meu número de telefone pode me encontrar, esteja eu almoçando, assistindo a um filme, no meio de uma aula e assim por diante.

É importante lembrar que posso ser encontrado não só em todo o lugar, mas também a qualquer momento. Torno-me disponível durante o dia, a noite, nas horas de folga.

A partir daí, essa possibilidade de contato ilimitado passa a ser uma exigência imposta pelo mundo do trabalho. Na lógica da concorrência, quem se nega a cumprir tal obrigação é eliminado do 'mercado'.

A invasão imposta pelo trabalho não se limita ao telefone celular. Ainda que seja uma minoria, muitas pessoas já possuem um microcomputador em seus lares, o que possibilita que elas tragam tarefas para



Na entrada de Auschwitz, a frase: 'Arbeit Macht Frei' (o trabalho liberta). Hoje, ele aprisiona tanto quanto campos de concentração.

dentro de casa. Ou seja, extensões do trabalho, que ocupam o tempo de folga, o qual poderia ser dedicado ao ócio.

Já a internet permite a troca de mensagens a qualquer momento e a busca de informações para fins da atividade profissional. Com a rede mundial também se realiza outro tipo de trabalho, identificado por Paul Lafargue. O trabalho de consumo.

O consumo através da internet é ilimitado, porque pode ser feito a qualquer hora e tem uma oferta interminável de produtos. Ele torna-se um estimulante para nossas vidas esvaziadas e deterioradas pelo trabalho.

Odeia o barulho da rua, odiou ter de se mudar para este quarto e sala mas com tantos atrasados nem o trabalho da mulher tá ajudando. No canto da sala, o bebê chora. Néelson olha o relógio, a mulher já devia estar em casa, só falta de novo estar fazendo hora extra ou na fila tentando fiado para a fralda e o leite. No canto da sala, o bebê grita. O computador começa a abrir de novo, acha o processo, xinga mais um carro, olha para o bebê, xinga ele também. No canto da sala, o bebê grita.

O ÓCIO INVADIDO

À medida que nos dedicamos ao consumo deixamos de lado algumas coisas essenciais para a vida. Em primeiro lugar, o tempo que usamos em frente ao computador, passamos todo ele solitário. Nos afastamos do relaci-

onamento com outras pessoas, do contato humano.

Em segundo lugar, e de extrema importância, o ócio é deixado de lado. Da mesma forma como em muitos casos em que as novas tecnologias se manifestam.

O ócio se vê invadido e ameaçado, pois essas tecnologias podem, a qualquer momento, interrompê-lo. Ao fazerem isso, o tempo que dedicamos a ele é diminuído.

A preguiça, termo usado por Lafargue, nos fará falta, se é que já não nos faz. O ócio não deveria ser visto como o tempo para descansar da fadiga provocada pelo trabalho, sob uma passividade total, pois ele é justamente um espaço de reflexão, de crítica. É quando mais temos a possibilidade de exercer nossa capacidade contemplativa. Ele é um espaço para nos mantermos ativos e pensarmos em nós e sobre tudo o que nos concerne.

A preguiça está em nossos instintos naturais. Temos que repudiar toda a carga pejorativa que foi colocada sobre ela. Assim poderemos proclamar, como Lessing: "Sejamos preguiçosos em tudo, exceto em amar e em beber, exceto na preguiça".

*Toca o telefone. No canto da sala, o bebê. De celular em punho, vai até a geladeira. No canto da sala, o bebê. Não há leite, não há nada. No canto da sala, o bebê.**

*conto de Marcelo S. Perez

ALTERNATIVA

Trabalho Pirata

Os benefícios da pirataria em um mundo cheio de tubarões

Por Antenor Savoldi Jr.

antesavoldi@yahoo.com.br

O núcleo da questão sobre a legislação de direitos autorais é a busca do equilíbrio: como encorajar a criatividade, fazendo com que um autor seja recompensado por sua idéia, sem atrapalhar o aproveitamento de sua criação por todos. Hoje, com os *softwares* e a Internet, o campo de discussão aumentou muito. No entanto, aspectos absurdos dessas leis levam as pessoas a trabalharem na sua desobediência.

Quando as primeiras legislações sobre direito autoral foram criadas, no século XVIII, na Inglaterra, essa era a idéia. A primeira lei inglesa, de 1710, dava ao criador o direito exclusivo sobre um livro por 14 anos e, se o autor ainda estivesse vivo quando o direito expirasse, poderia renová-lo por mais 14 anos. Quando empresas começaram a comprar os direitos, a duração das patentes foi aumentando, e o objetivo inicial da legislação foi completamente desviado.

A partir do final dos anos 80, empresas como a Walt Disney começaram a preocupar-se com algumas de suas obras cujos direitos autorais cessariam no início do século 21. Famosos personagens da Disney entrariam em domínio público: Mickey Mouse em 2003, Pluto em 2005, Pateta em 2007 e Pato Donald em 2009. A iminência de grandes prejuízos com a possível perda dos direitos autorais fez com que se promovesse um pesado lobby no Congresso americano. O resultado chegou em 1998, com a ampliação dos direitos autorais após a morte do autor de 50 para 70 anos, caso fosse propriedade de uma pessoa, e a ampliação de 75 para 95 anos, caso o direito fosse propriedade de uma empresa.

No Brasil, a legislação de direitos autorais teve como base as leis inglesas e americanas. A página do Ministério da Cultura (www.cultura.gov.br) disponibiliza uma seção com diversas informações a respeito de direitos autorais, combate à pirataria, projetos e texto na íntegra das leis atuais.

Em 2002, a justiça americana condenou John Sankus Jr. a 46 meses de prisão. Ele era o líder da DrinkOrDie, considerada a maior gangue de piratas da Internet, e foi acusado de infração aos direitos autorais ao comandar 60 pessoas que compravam os *softwares*, quebravam os códigos de segurança que impediam a pirataria e distribuíam as cópias livremente pela Internet.

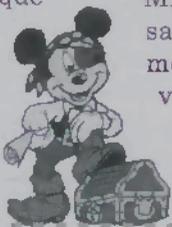
Segundo dados do Jurídico da Microsoft no Brasil, a taxa de pirataria no país é de 56%, e se fosse reduzida para 46%, a indústria de *softwares* local cresceria US\$ 17 bilhões em 4 anos - adicionaria US\$ 3,2 bilhões à economia local, geraria 13 mil novos empregos e teria um aumento de 335 milhões em receitas para o governo.

Mas, por enquanto, parece não haver nenhum remorso por parte dos usuários de *softwares* para com a Microsoft e as demais gigantes do setor. E agora, a ameaça não é a pirataria, mas o chamado Software Livre, que tem como representante maior o Linux.

Linux é o sistema operacional desenvolvido pelo estudante finlandês Linus Torvalds. É um programa com menos problemas que o Windows, distribuído gratuitamente, e com seu código-fonte aberto. Isso permite que programadores do mundo intei-

ro modifiquem o programa para melhor, ou conforme suas necessidades, e o redistribuam, sempre gratuitamente. O programa é bastante usado por empresas de tecnologia, mas cada vez mais usuários "domésticos" optam pelo *software*. Muitos aplicativos vêm sendo disponibilizados para Linux. O StarOffice - similar ao Microsoft Office -, por exemplo, é distribuído gratuitamente com várias versões do Linux.

Para atrasar a inevitável substituição do Windows pelo Linux, a Microsoft vai esperneando. Uma pesquisa encomendada pela própria Microsoft "prova" que as empresas gastam mais com o Linux e menos com o Windows 2000, devido à necessidade de assistência técnica.



Um grande lobby alterou a lei que faria com que a Disney perdesse os direitos sobre Mickey em 2003

este o programa que revolucionou o mundo da música em 1999, permitindo a troca de arquivos de música no formato mp3 entre usuários da rede mundial de computadores, através de um servidor central. No auge, o Napster chegou a unir mais de 60 milhões de usuários. Com a queda nas vendas de CD's, a RIAA - Associação Americana de Indústria Fonográfica - iniciou uma batalha jurídica para acabar com o programa, o que aconteceu em 2002.

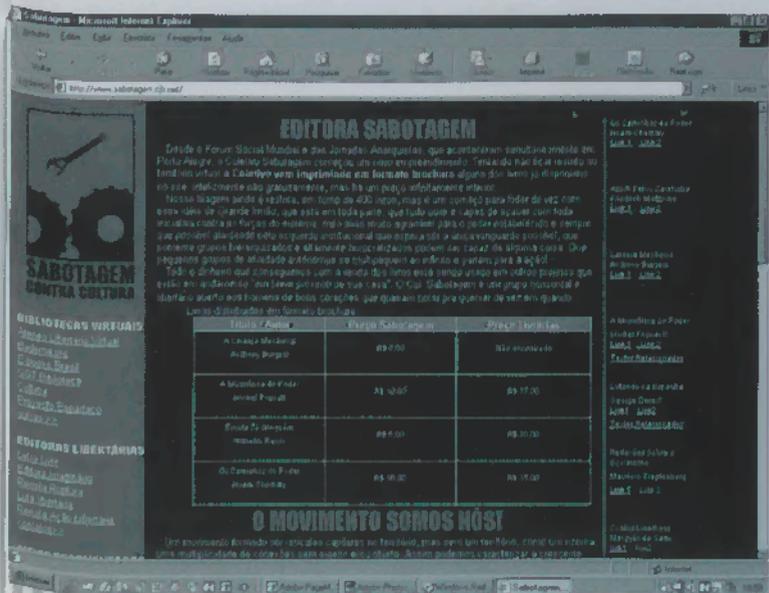
Mas muito antes do fim do Napster, vários programas de troca de mp3 já surgiam. Além da habitual facilidade para o intercâmbio gratuito de músicas, os novos programas dificultavam o trabalho da RIAA por não possuírem um servidor central passível de bloqueio - o tráfego/tráfego de músicas acontece diretamente entre um internauta e outro. A entidade continua tentando, sem muito sucesso, boicotar esses serviços, disponibilizando músicas falsas para *download* e rastreando os usuários dos programas. Isto causou a revolta de alguns *hackers*, que in-

vadiram o site da RIAA e colocaram músicas para *download* gratuito nela.

Mesmo com as alternativas de divulgação que a Internet proporciona, a promiscuidade entre as grandes gravadoras e a legislação ainda dificultam muito o trabalho das bandas independentes. Em Porto Alegre, Felipe Dable, músico dos Sublimantes, satisfeito com a venda dos primeiros mil CD's independentes de sua banda, encomendou a prensagem de mais mil cópias. Dois meses depois, foi autuado e multado como "contribuinte não inscrito realizando transporte de mercadoria ilegal", por ter mandado fazer os CD's da própria banda como pessoa física, e não jurídica.

Mas o trabalho pirata não pára. Descontentes com a venda do conhecimento, um grupo denominado Sabotagem (www.sabotagem.cjb.net) pirateia livros e os disponibiliza para *download* gratuito em sua página. Como nem todo mundo tem acesso à Internet, os livros também são impressos clandestinamente e vendidos a um preço quase que simbólico: encontradas no mercado por até 40 reais, as obras saem por, no máximo, 10 reais. Entre os títulos disponíveis, somente autores e idéias perturbadoras, de grande impacto. A "Microfísica do Poder", de Michel Foucault, "Laranja Mecânica", de Anthony Burgess, além de Nietzsche, Noam Chomsky, George Orwell...

E-mails com ameaças são poucos, comparados às mensagens de parabenização pelo trabalho e de pessoas querendo se juntar ao grupo. Atualmente, já são cerca de 20 "sabotadores" dispostos a desobedecer a leis de direito autoral, tidas como absurdas. Para novos voluntários, um guia na página ensina como copiar e editar novos livros a serem "libertados". O dinheiro arrecadado com a venda dos livros é usado para a impressão de novos livros e na confecção de cartazes subversivos a serem espalhados pela cidade. O grupo tem planos para montar rádios "livres", o que pode incomodar algumas grandes empresas de comunicação, além das já incomodadas editoras. Outro projeto do grupo é a criação de uma revista. Para o Sabotagem, todos as mídias são passíveis de atuação.



■ INFÂNCIA

Trabalho infantil não é brincadeira

Cerca de meio milhão de crianças e adolescentes assumem as responsabilidades domésticas e perdem o direito de ter uma infância decente

Por Luciane Kohlmann

lukp@terra.com.br

No Rio Grande do Sul, 24.857 crianças e adolescentes, entre cinco e 17 anos, trabalham no serviço doméstico, de um total superior a 500 mil em todo o Brasil, segundo o IBGE. No entanto, este número tende a ser muito maior, visto que, na maioria das vezes, são levadas em consideração apenas as crianças que trabalham na casa de terceiros, esquecendo-se daquelas que assumem o papel de dona-de-casa do próprio lar. A lista de tarefas é grande e inclui desde cuidar de bebês até limpar, lavar e cozinhar.

Para quem não sabe, o trabalho doméstico é proibido para menores de 16 anos pelas leis trabalhistas e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Apesar de muita gente ainda achar que, para as meninas, é como brincar de casinha, a realidade é bem distinta. O desempenho escolar e o desenvolvimento emocional são prejudicados, e poucas terão chances de se qualificar no futuro. Entre as conseqüências estão a agressividade, a dificuldade de aprendizagem e de convivência em grupo, a hiperatividade, o déficit de atenção, entre outros.

A pedagoga Solange Claro, orientadora educacional da Escola Estadual Carlos Fagundes de Mello, localizada na Vila Farrapos, em Porto Alegre, explica que esse tipo de caso é muito comum em realidades mais humildes, principalmente com as meninas. O trabalho infantil doméstico causa problemas de aprendizagem e psíquicos, pois, como ela enfatiza, "onde fica a questão afetiva, onde fica a atenção desses pais?". Solange afirma que a maioria não sabe o quanto é importante a participação da família no crescimento de seus filhos, nem que sejam apenas pequenos atos, como contar histórias ou dar um beijo de boa noite.

A realidade atual é dura. Não se pode simplesmente condenar os pais que deixam seus filhos cuidando da casa, visto que eles precisam trabalhar fora para sustentar a família. Solange Claro diz que são problemas sociais de responsabilidade do governo. "Tudo isso ocorre porque o problema está lá em cima. Nós aqui embaixo tentamos peneirar e solucionar algumas coisinhas", afirma. As escolas devem trabalhar em

parceria com os Conselhos Tutelares, órgãos responsáveis por coibir e insistir na conscientização contra o trabalho infantil doméstico. No entanto, por ser uma prática oculta, que ocorre dentro dos lares, é de se imaginar que só vemos a ponta do iceberg.

SETE CRIANÇAS EM UMA PEQUENA MÃO

Com poucas roupas para vestir e uma infância perdida, T.L.S.S., de 10 anos, cursa a 2ª série do Ensino Fundamental e, à tarde, cuida dos seus sete irmãos, todos mais novos.

Sua mãe, com quem mora, trabalha na casa da avó, mas não todos os dias. Quando não está em serviço, prefere passear e deixar as responsabilidades da casa nas mãos da filha mais velha. T.L.S.S. mora no bairro Florescente, em Viamão, em uma pequena casa de condições precárias. Dedicada, mas com traços tristes no rosto, ela procura não reclamar da vida.

A menina realiza todos os serviços de casa. "Ah, eu lavo a louça, mudo meus irmãos, dou banho neles, faço café, dou de mamar, dou comida, carrego água, cozinho", explica a criança. T.L.S.S. diz que tem um tempinho para brincar; porém, apenas após limpar toda a casa e arrumar todos os irmãos. Assim, em apenas al-

guns minutinhos, ela pode transformar o real em fantasia. "Gosto de brincar de boneca e de casinha."

A pequena mulher nunca sai de casa, inclusive aos finais de semana, pois, como sua mãe nunca fica em casa, é a responsável por cuidar de seus irmãos. A única possibilidade é realizar algum trabalho fora de casa: "Às vezes eu vou para a casa da minha dinda e fico com o meu primo".

Como recompensa, ganha 50 centavos. Ao contrário da maioria das crianças, ela não compra balas ou brinquedos: "Eu compro pão para os meus irmãos."

Ela poderia questionar ou negar fazer algo? Não seria uma boa saída. As últimas conseqüências dessa atitude foram roxos e hematomas espalhados pelo corpo.

BRINCAR DE CASINHA NÃO TEM GRAÇA

P.S.M.S., de 9 anos, também já abandonou os prazeres da infância para ingressar no mundo dos afazeres domésticos. Ela mora com a mãe e seis irmãos na Vila Farrapos, Zona Norte de Porto Alegre, em uma casa pequena. Como sua mãe trabalha o dia inteiro como faxineira, P.S.M.S passou a assumir os serviços da casa nos horários em que não está na escola.

"Eu me acordo às sete horas da manhã e venho para a escola. Já

.....
 "Ah, eu lavo a louça,
 mudo meus irmãos,
 faço café, dou comida,
 carrego água, cozinho"



Campanha contra o trabalho infantil veiculada na revista *Carta Capital*

arrumo meu quarto. Não é quarto, sabe? A minha mãe dorme na cama dela, e a gente tem o quarto tudo junto das gurias. Só dorme um guri na cama da minha mãe que é o pequeno. Só ele que é de guri no nosso quarto. Eu arrumo minha pasta e venho pra escola. Daí eu chego em casa e almoço", conta a menina. Ao meio-dia, sua mãe procura voltar para casa e cozinhar para os filhos. Quando não pode voltar, a pequena de nove anos fica encarregada da tarefa. "Subo no banco e cozinho no fogão", conta.

"A minha tarde é uma tarde ruim", diz. "Às vezes eu fico em casa para cuidar dos meus irmãos. Mas tem um que é bebezinho de quatro meses". Depois do almoço, ela, além de ficar com as outras crianças, arruma e limpa toda a casa. Ao ser questionada se tem tempo para brincar, a menina explica: "Não. Só às vezes. Ah, não é não... eu até tenho tempo. A gente brinca depois de limpar a casa, mas a casa é grande. E às vezes a gente limpa a casa da nossa irmã mais velha".

P.S.M.S também trabalha fora eventualmente. "Na casa da minha tia, que é doente, eu lavo o chão, limpo a louça, guardo louça, limpo armário." Pelos serviços, a menina de nove anos recebe cinco reais, que são dados para sua mãe. Ela admite que gostaria de ter mais tempo livre, para poder assistir televisão. No entanto, ao responder à pergunta se gostaria de ficar mais tempo com sua mãe (elas só se vêem ao acordar), encerrou a entrevista indagando: "Só que ela trabalha, né?" ■

Movimentos de conscientização contra o trabalho infantil

- OIT (Organização Internacional do Trabalho):
www.ilo.org/public/portugue/region/ampro/brasil/ia/
- ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância):
www.andi.org.br
- Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância):
www.unicef.org/brazil
- Fundação Abrinq (pelos direitos da criança e do adolescente):
www.fundabring.org.br
- Governo Federal do Brasil - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti):
www.brasil.gov.br/planos.htm
- Governo do RS - Programa Família Cidadã e Peti:
www.stcas.rs.gov.br
- Prefeitura de Porto Alegre: Programa Família - Apoio e Proteção:
www.portoalegre.rs.gov.br/pol_social/fasc

Holofotes no produto infância

Por Marcelo Spalding Perez

ailha@ailha.com.br

Catorze anos. Idade distante das bonecas, mas também distante do sexo. Catorze anos. Idade de Ensino Fundamental, ainda distante do dinheiro. Catorze anos. Idade da modelo que ilustra um editorial sobre calcinhas para a Zero Hora. No meio da sessão, ela, sem roupa, apenas as mãos sobre os pequenos seios, sua nervosa. No estúdio, além de *flashes*, homens. E ela sua, nua. Desmaia. Esta é apenas uma das histórias que Raul Krebs, fotógrafo profissional, conta sobre o uso de crianças e pré-adolescentes no seu trabalho. E a moda é apenas um viés da indústria cultural, que paga bem pelo uso da imagem infantil ou juvenil.

Fernanda Bastos, psicóloga, especialista em psicoterapia para crianças, adolescentes e adultos, compara o trabalho infantil no *show business* ao trabalho infantil doméstico. Segundo a psicóloga, "é o mesmo sistema perverso, só que do outro lado: uma, para não passar fome e cair na miséria, ajuda os pais e trabalha; outra, para se adaptar a uma

cultura extremamente materialista, entra nessa venda da imagem". Fernanda afirma que, em alguns casos, o uso destas crianças significa, sim, trabalho infantil e cita o exemplo da atriz global Cecília Dassi: "Cecília é o exemplo típico da criança com a cultura narcisística: ela foi para o Rio com a mãe e já deu entrevista dizendo que trabalhava 10, 12 horas por dia e que para ela estava ótimo, que ela precisava aparecer e queria aparecer". Finaliza num tom de voz firme e indignado: "se cria

até um transtorno nessa criança, porque se ela está na mídia e não faz sucesso, é infeliz".

A escritora de livros infantis Marô Barbieri enfatiza que a família é quem incentiva esta procura por trabalho na mídia: "A criança quer mesmo é atenção, sua família é que vai curtir a fama". Por outro lado, Marô concorda apenas em parte que

.....
 "A criança quer mesmo é atenção, sua família é que vai curtir a fama"

isso se caracterize como trabalho infantil porque "para um instrumentista que realmente gosta de seu instrumento, praticar por horas e horas seguidas não é um apenas um sacrifício, é a forma de chegar à liberdade de interpretação que só o exercício permite. Ele o faz com gosto porque é isso o que ele quer".

Opinião semelhante têm os pais de Marluce Horn. A menina de Estrela, hoje com 14 anos, é apontada como uma das promessas da nova geração de modelos do Rio Grande do Sul. O pai, José Augusto Horn, acompanha a menina em testes e sessões e confirma que muitos pais levam suas filhas em busca de fama e dinheiro,

mas mostra uma opinião madura e distinta: "Não adianta querer o dinheiro e não gostar, tem que ter muita paciência". Horn lembra que as meninas às vezes ficam sete horas no estúdio sem alimentação, só trocando de roupa e maquiagem. Ele lembra, ainda, que esta é uma carreira sem resultados imediatos: "neste ano ela participou de 30 a 40

castings e só ganhou dois".

Agências, televisões e promotores de moda não parecem se importar, ainda, com as conseqüências psicológicas deste tipo de trabalho infantil. A Ford Models, por exemplo, não conta com nenhum apoio psicológico aos modelos. Situação idêntica se vê na Talentos Brilhantes, agência de modelos mirins que conta com crianças a partir de três meses de idade. Já a Rede Globo, que conta com Pedro Malta, nove anos, entre atores descamisados e loiras siliconadas, não quis se manifestar sobre o assunto.

Mas o show não pode parar e Sandy e Júnior continuam a reboilar e, orgulhosos, dizer que estão descedo, há anos fazendo sucesso. O show não pode parar e, enquanto isso, Macaulay Culkins, Shirley Temples e Ferrugens surgem para dar novo fôlego à indústria cultural. E assim como surgem são esquecidos, tão logo a infância se apaga de seus olhos. Fica muitas vezes um aprendizado, noutras um bom saldo bancário, mas em várias uma profunda ferida aberta, um fracasso precoce, um peso de adulto para uma cabeça de menino ou menina. Mas na Era do Trabalho, o que importa? O show não pode parar. ■

Adultos precoces

Por Leticia Mallmann

leticesar@yahoo.com.br

A carreira esportiva termina bem antes do que a maioria das profissões. Isso exige que ela comece bem mais cedo também.

Dirigir é só para adultos? Não. Compromissos, exigências a serem cumpridas e aperfeiçoamento constante têm alguma coisa a ver com infância e adolescência? Sim. Estamos falando daquelas crianças que desde cedo se dedicam aos treinamentos e às competições e que passam a ter, muitas vezes, uma rotina de adultos.

Pelas leis de trânsito, uma pessoa só pode começar a dirigir a partir dos 18 anos completos. Esta regra não se aplica às pistas de kart. Sara Sanchez de Christiano nasceu em Curitiba e tem 16 anos. Quando ela começou a correr, em 98, tinha apenas 10. De tanto ver aqueles carrinhos num kart *indoor* onde brincava, ela resolveu experimentar. Foi paixão à primeira acelerada. Depois de muito insistir, conseguiu que seu pai comprasse um kart, com a exigência de que o esporte fosse levado a sério. Atualmente, Sara mora no Uruguai e está no 2º ano do Ensino Médio. Quando tem campeonato no Brasil, ela perde alguns dias de aula, já quem, além da corrida no domingo, tem os treinos nos dias que antecedem a prova. Ela confessa que este

ano está complicado conciliar estudos com esporte. "Está começando a ficar muito difícil. Aqui no Uruguai os professores são muito exigentes e alguns nem aceitam a idéia de ter uma profissão, ou melhor, outra responsabilidade além da escola, que é quase a única obrigação de uma pessoa da minha idade". O sonho de Sara é chegar à Fórmula 1. Ela sabe que está deixando muitas coisas para trás em troca disso. Mas acredita que este sacrifício vale a pena para conquistar seu objetivo. "Às vezes sinto falta de me divertir um pouco mais, sair com minhas amigas, fazer algum lazer, ver mais televisão, sair mais à noite, enfim, de ter uma vida normal de adolescente. Acho que vale a pena, porque, afinal, estou me dedicando a uma coisa de que eu gosto".

PAIXÃO NACIONAL

Jogar futebol é o sonho de muitos meninos brasileiros. São poucos os que chegam ao profissional, se comparado aos que desde muito cedo se dedicam ao esporte. O caminho é



FOTO: LETICIA MALLMANN

Tocantins ser dispensado. "Tem que ter muita humildade e trabalhar muito para conseguir chegar. Não tem só eu, tem muitos querendo ser jogadores também", sentencia o menino, com ar de experiência. A última vez que esteve com os familiares foi no verão e só vai tornar a vê-los em dezembro. A distância de três dias de viagem que o separa de

seu família obriga Rômulo a driblar a saudade de casa. "Aqui tem que brincar para esquecer, para não ficar com saudades tem que conversar com alguém", diz ele.

Para a maioria das pessoas, o esporte é apenas um lazer. Para estes jovens atletas é muito mais do que isso. A profissão que eles decidiram seguir não exige diploma. No entanto, exige muito trabalho. Aos 20 anos, quando a maioria dos jovens ainda nem se formou, eles já serão especialistas nas suas modalidades. Isto se não ocorrer nenhum imprevisto no meio do caminho, já que estão sujeitos a acidentes e a lesões, riscos inerentes aos esportes que escolheram. Só o tempo dirá se seus esforços não foram em vão e se seus sacrifícios valeram a pena. ■

longo e muitos vão ficando para trás. Para chegar ao profissional, o atleta passará pelas categorias Pré-Mirim, Mirim, Infantil, Juvenil e Junior. Segundo o Diretor Geral das Escolinhas do Grêmio, João Nagib Gabech, mais de 500 crianças já fizeram testes no clube este ano.

Rômulo Gonçalves Mendes, conhecido entre os colegas como Maranhão, nasceu em Imperatriz, no estado que lhe rendeu o apelido. Com apenas 12 anos, o meia-direita veio tentar a sorte no Grêmio. Ele é um dos 46 meninos que moram no Olímpico. Com o tempo dividido entre os estudos da 7ª série na parte da manhã e os treinamentos durante a tarde, o sonho de Rômulo é tornar-se um grande jogador como o seu ídolo, Romário. Mas ele sabe que o caminho é duro. Há alguns dias viu seu amigo do

INFORMALIDADE

Camelôs querem regularização

Prefeitura coloca fiscais na repressão ao comércio no centro da Capital

Por Milsania de Souza Tavares

miltchas@hotmail.com

A busca por mais e melhores oportunidades de emprego tem sido uma luta árdua para muitos brasileiros. A crise vivida pela falta de emprego tem levado cada vez mais ao aumento do número de camelôs na Capital. Há milhões de cidadãos desempregados, jovens sem perspectivas, homens e mulheres vivendo de pequenos "bicos" para sobreviver.

Cerca de cinco mil camelôs cadastrados pela Prefeitura ocupam as ruas do Centro, fazendo concorrência aos lojistas. Mas os "caixinhas", nome dado aos camelôs irregulares, têm tirado o sossego dos vendedores regulares. A concorrência é tão grande que eles acreditam que tem dias que esses "caixinhas" vendem muito mais do que eles. Muitos procuram nas ruas o sustento da família, sofrendo na pele as consequências climáticas e a repressão dos fiscais. Segundo eles, um dos motivos que os levam a vender nas ruas é que as lojas vendem os produtos mais caros, enquanto eles vendem, nos camelôs, a um preço mais acessível para a população.

Entretanto, como todo vendedor do comércio formal, os camelôs querem ver a sua situação legalizada, inclusive com o pagamento de impostos. "Nós não pagamos os impostos, mas não sonegamos. Nós temos interesse em negociar com a Smic, no sentido de criar um tipo de imposto ou taxa", disse José Aldair, integrante da comissão dos representantes dos camelôs. José Aldair era agricultor no interior do Estado e veio para Porto Alegre, em 1985, para fazer uma formação em Citrus-Cultu-

ra numa firma. Mas, por falta de emprego, ele acabou vendendo nas ruas.

Cansados de serem tratados como bandidos, os camelôs têm-se reunido constantemente com a Prefeitura para resolver essa situação. Segundo eles, como cidadãos porto-alegrenses, eles são chefes de família que sustentam os filhos com esse trabalho, que compram alimentos, pagam escola para os filhos, fazem compras no comércio formal, gerando impostos como qualquer outro cidadão. Sérgio, que trabalha há cinco anos como camelô, disse que "é triste proibir as pessoas de trabalharem nas ruas, pois isso contribuirá para que aumente a criminalidade. Não podendo vender nas ruas, porém, temos que arranjar um jeito de levar comida para família".

Eles são chefes de família que sustentam os filhos com esse trabalho



FOTO: LETÍCIA MALLMANN

OPORTUNIDADE

Os mistérios da mente

Como portadores de deficiência mental estão encontrando seu lugar na sociedade do trabalho

Por Thaís Teixeira da Silva

tazajah@hotmail.com

Em um mundo onde a taxa de desemprego é cada vez maior, um grupo tenta conquistar o seu espaço no mercado de trabalho: os portadores de deficiência mental. Cada vez mais, psicólogos, pedagogos e terapeutas ocupacionais descobrem talentos e potenciais em seus consultórios.

Este é o caso de Elisabete (nome fictício), que se tornou escultora e hoje não depende mais da ajuda dos pais para se sustentar. Ela é portadora da síndrome de *Asperger* - um tipo de autismo. Mas com o tratamento ela está conquistando coisas que antes ninguém imaginava que um autista poderia conseguir. É claro que ela ainda precisa da ajuda da família para sobreviver, já que o autismo é uma doença que precisa de constante cuidado.

Um dos problemas para o deficiente mental se colocar no mercado de trabalho é o comportamento. Alguns tendem à agressividade, outros ao isolamento. As pessoas não compreendem que eles são es-

peciais, que precisam de um tratamento diferenciado, mas quando estimuladas podem produzir coisas fantásticas.

No caso de Leandro (nome fictício), a sua agressividade acabou despertando esse outro lado. Estudante da APAE e portador de Síndrome de *Down*, Leandro rasgou o banco da Kombi que o levava para a casa em um dos seus ataques de agressividade. Para pagar

Leandro rasgou o banco da kombi que o levava para casa

o estrago, Leandro começou a pintar quadros, com a ajuda de seus professores, e descobriu que podia colocar a sua agressividade no trabalho.

Existem muitos outros portadores de doenças mentais com potencial para se desenvolver. Os autistas, por exemplo, geralmente desenvolvem uma área do conhecimento e se tornam verdadeiros especialistas naquilo. Eles esperam apenas uma oportunidade para conseguir seu lugar no mundo. Para isso, precisam do apoio e da compreensão da sociedade. Será que estamos prontos? ■

Sabendo que os produtos vendidos por eles são pirateados, os camelôs confessam que esta foi a maneira que conseguiram para trabalhar. Mas a Secretaria Municipal da Indústria e Comércio de Porto Alegre (SMIC) tem sido rigorosa na fiscalização do combate a todo e qualquer tipo de irregularidade. Para o

vereador e secretário da Smic, Adeli Sell, "é uma ilusão achar que todos os camelôs estejam desempregados. Mais da metade deles não precisariam estar nas ruas, conseguiriam

emprego, inclusive alguns têm formação".

No entanto, para esses camelôs, na hora de procurar emprego, a busca torna-se difícil, devido à idade e ao preconceito racial. Preconceito que eles sentem quando são tratados como bandidos. Há alguns anos, vi-

nham acontecendo muitos roubos no Centro, o que estava ficando ruim para eles. A população vinha culpando-os de serem cúmplices dos ladrões. Como eram poucos na época, eles começaram a arrecadar um real por dia, contratando, assim, seis seguranças com certo treinamento. Esses seguranças pegavam os ladrões e entregavam para a Brigada. "Tinha entre 15 e 20 batedores de carteira, daqueles assumidos, mas com o trabalho desses seguranças, eles sumiram para sempre".

Como cidadãos, com direitos e deveres iguais, os camelôs querem legalizar as suas situações, pagar o INSS, imposto de renda e ter uma aposentadoria como qualquer trabalhador digno. Além de se preocuparem com a educação dos filhos, eles pensam em ter uma vida melhor, principalmente ter um emprego com carteira assinada. Muitos sonham em ter um espaço, onde eles possam vender com tranquilidade. Eles têm interesse em embelezar o Centro junto com a Prefeitura. ■

ARTESANATO

O último refúgio da criatividade

O artesanato seduz os desempregados com a devolução da liberdade

Por Leticia Pires

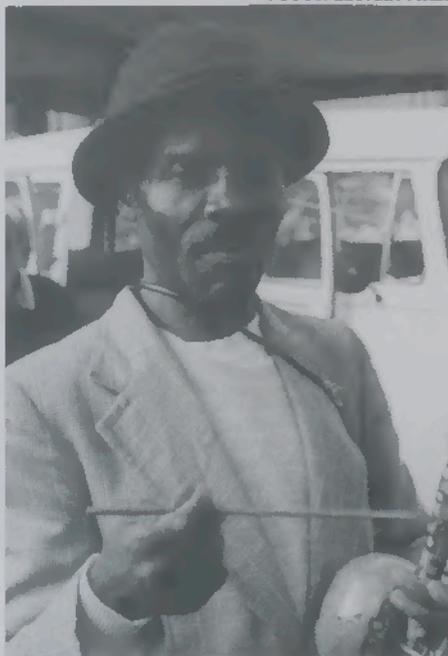
leticp@yahoo.com.br

No final de junho, milhares de desempregados, com todo tipo de formação profissional, passaram dias em uma fila para tentar a sorte para uma vaga de gari, na cidade do Rio de Janeiro. A crise do mercado formal de trabalho deixa os indivíduos sem escolha. No entanto, cresce o número de pessoas que se refugiam no artesanato. Sem padrões ou horários pré-determinados, e lidando com o prazer de fazer algo único, a profissão de artesão está em voga.

Nos anos 70, a onda hippie se popularizou e muitos saíram a vender pulseirinhas para sustentar um modo de vida mais livre. Em 1979, o governo brasileiro despertou para a nova tendência produtiva e criou o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB), que não decolou. Hoje, o artesão é visto como um micro-empresário e sua atividade é considerada estratégica dentro dos programas de geração de renda. Segundo dados oficiais, o artesanato brasileiro envolve 8,5 milhões de pessoas, movimentando cerca de R\$ 28 bilhões por ano. Como comprovam as cifras, o mercado não é insignificante dentro da engrenagem econômica nacional e, em função disso, merece valorização. O PAB propõe ações como a oferta de microcrédito, espaço em feiras nacionais e internacionais, promoção das exportações, rotas de ar-

tesanato nas rodovias e uma loja com produtos artesanais em cada aeroporto. Esta última ação já foi colocada em prática e as demais estão em vias de se tornarem reais. Na opinião de César Rech, diretor de Micro, Pequenas e Médias

FOTOS: LETICIA PIRES



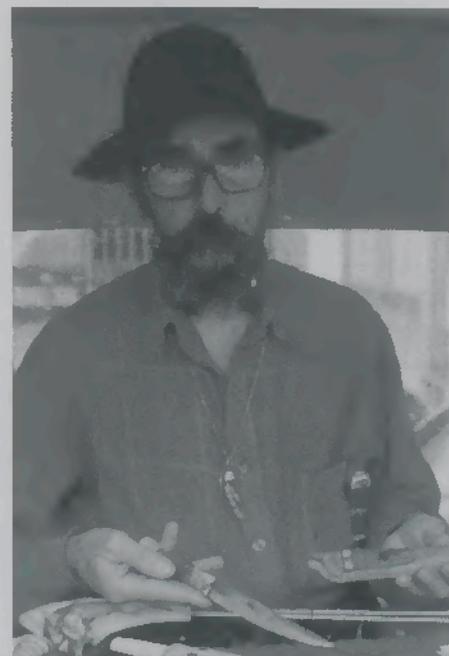
Jean dos Santos,
artesão de berimbaus

Empresas do Ministério do Desenvolvimento e também diretor do PAB, o ponto mais importante do programa ainda não foi alcançado. "Queremos que o artesanato tenha orçamento próprio no Plano Plurianual da União e vamos implantar também um fórum específico para esta atividade. A idéia é que a sociedade se envolva e também os ministérios da Cultura e do Turismo", afirma Rech. Em 2004, o país deverá contar com um inventário do setor.

Apesar de toda a vontade política demonstrada, a situação ainda não é tão promissora nos Estados. No Rio Grande do Sul, a Casa do Artesão—de responsabilidade da Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social— não é bem vista pela classe. Miriam Amorin, presidente da Associação de Artesãos do Rio Grande do Sul (Associarte), considera o espa-

ço muito burocrático. "A única preocupação deles é cadastrar, fazer carteiras profissionais, apresentar números", dispara. Já na opinião de Jean dos Santos, expositor no Brique da Redenção há 25 anos, a Casa não é um espaço de promoção do artesanato: "Ela está muito escondida e o público acaba não conhecendo o lugar, tal como conhece o nome do Brique. Casa do Artesão— só no nome, pois os artesãos só vão lá para fazer carteirinha".

Mesmo sem o apoio governamental, os artesãos se multiplicam nos pampas. Muitos de origem indígena estão na atividade desde pequenos, outros foram buscar apenas um complemento para a renda e outra parte veio fugindo do desemprego. Denilson Trindade, 31 anos, expositor de cestas de vime na Redenção, conta que perdeu a ocupa-



Rubens Pacheco,
artesão cuteleiro

ção com carteira assinada em 1997 e então resolveu tentar o artesanato. Ele afirma que o rendimento é insuficiente e acha que logo terá que buscar outra forma de trabalho.

O motivo: o material de produção é escasso e Denilson não tem apoio financeiro do governo para buscá-lo em

outras cidades ou até mesmo fora do Estado. Dhráff Silva, 29 anos, descendente de caiguangues, não desanima com as dificuldades da profissão. Sua história começou no comércio, mas, vendo que trabalhava muito e ganhava pouco, preferiu ficar mesmo no artesanato. Diz que tem prazer em expor a cultura indígena e afirma que, com o que ganha (estima ser entre R\$ 500 e R\$ 600 por mês), consegue viver. "Não tem coisa melhor do que fazer artesanato", entusiasma-se. Já Marlei Scherer, 60 anos, expositora de peças de costura no Brique, se declara realizada com a atividade, mas reconhece que sua produção não lhe traz o sustento. "É apenas um complemento. A renda mesmo vem do marido", revela.

Viver de uma atividade plenamente criativa como o artesanato seduz os trabalhadores, que optam por menos luxo e mais liberdade. Rubens Pacheco, artesão cuteleiro, admite que trabalha apenas o tanto que lhe dá vontade. Ele reconhece: "não pretendo 'enricar'". No entanto, algumas de suas peças chegam a custar R\$ 1.600. A explicação dada por ele está no valor artístico da obra: "quem tem bom gosto, compra. Se eu não valorizasse esta faca e colocasse esse preço, estaria negando a beleza que tenho em minhas mãos". ■

O artesanato é considerado estratégico dentro dos programas de geração de renda



■ CULTURA

A visão indígena do trabalho

Uma experiência no modo de vida da sociedade guarani

Por Pablo Francischelli

fchelli@matrix.com.br

“Os selvagens não são tão loucos quanto os economistas formalistas que, incapazes de descobrir no homem a psicologia de um dono de empresa industrial ou comercial, preocupado em aumentar sem cessar sua produção a fim de inflar seus lucros, deduzem deste fato, tolos que são, a inferioridade intrínseca da economia primitiva”

Pierre Clastres

Para entender o modo de vida guarani é preciso desprender-se ao máximo das brancas idéias de progresso, desenvolvimento e lucro. Ao contrário do que se possa pensar, as sociedades indígenas são sociedades da abundância, não da miséria. Todas as formas de trabalho existentes ali buscam apenas garantir a satisfação das suas reais necessidades. No sistema de produção guarani, a abundância provém da simplicidade: os índios produzem para viver, não vivem para produzir!

O *Karai* Luis Natalício, de 63 anos, repete a mesma cerimônia todas as noites. Ele coloca algumas ervas misteriosas em seu cachimbo e, depois de algumas tragadas, inicia suas orações e a tentativa de se comunicar com *Nanderu*. *Karai* é uma espécie de profeta-curandeiro e maior representante da sabedoria guarani. É ele quem faz a ligação entre os três mundos existentes na cosmologia daquela cultura: o dos animais, o dos homens e o das divindades. É neste último mundo que reside *Nanderu* – o verdadeiro Deus guarani. Em suas conversas íntimas

com *Nanderu*, Luis Natalício pede proteção e prosperidade para o seu povo.

Alguns minutos após a minha chegada a sua aldeia, ele me oferece algumas tragadas em seu cachimbo sagrado. Minha cabeça sente a pancada das tais ervas misteriosas, mas a divindade não aparece para conversar comigo. Mesmo assim, o simbólico ato de fumar junto ao *Karai* fazia com que eu me aproximasse um pouco mais da vida mística dos guaranis.

A reserva indígena de Estrela Velha fica no interior do Rio Grande do Sul e está localizada a sete horas de Porto Alegre. Para chegar até lá são necessários três ônibus, além de uma hora de caminhada pelo mato.

Junto comigo na viagem, o cacique Cláudio, ou *Vera* – como é chamado em sua língua – me passava as primeiras informações sobre a maneira guarani de encarar o trabalho e, mais do que isso, de encarar a vida.

A diferença da visão branca de trabalho é enorme. Os índios, em geral, não têm nenhuma preocupação com a produção de excedentes. A abundância é medida pela equaliza-



FOTOS: PABLO FRANCISCHELLI

ção do todo produzido com o todo necessário para a sobrevivência. Ao contrário das sociedades brancas, não existem nem horários, nem datas pré-determinadas para trabalhar.

Vive-se um dia diferente todos os dias. Por isso, é um erro grave deslocar o clássico conceito branco de trabalho para as sociedades indígenas, onde o diálogo entre o índio e seu próprio corpo toma proporções muito mais sensitivas e instintivas do que racionais.

É justamente nessa relação dos índios com seus instintos que a natureza toma uma dimensão importantíssima dentro dessa cosmologia. É nela que reside a idéia da abundância. Através da coleta, da caça e do plantio, a natureza assegura o sustento da vida. E através do ócio, ela sustenta a religiosidade e o misticismo que regem o dia-a-dia indígena. Não há uma obsessão produtiva e as atividades de produção ganham um certo aspecto lúdico.

No entanto, muito dessa relação de magia e satisfação foi interrompida pelo contato com a civilização branca. Desde a invasão portuguesa, os índios vêm sofrendo um

grave processo de aculturação e perderam, em grande parte, um dos principais pilares daquele relacionamento com a natureza – a liberdade.

As fronteiras impostas pela sociedade envolvente vão muito além dos limites físicos. São as fronteiras morais que atacam e desrespeitam o modo de viver e de pensar dos índios, verdadeiros donos de todas estas terras. Além disso, apenas um milhão de índios ainda vivem, dos estimados cinco milhões existentes no Brasil no ano de 1500.

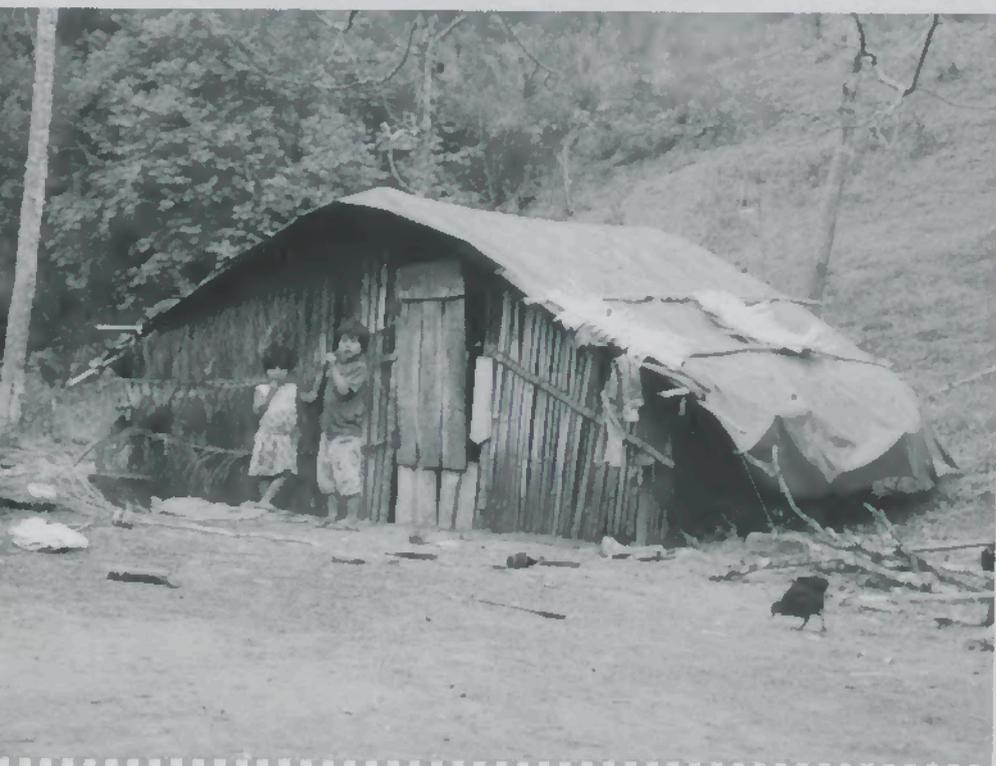
Tudo isso fez com que muito da cultura e do modo de viver indígena fosse alterado. Nos guaranis, por

exemplo, um dos principais mitos históricos está praticamente em extinção. A busca por *Yvy Marane'y*, a Terra Sem Males, era o grande motivo da existência guaranítica.

Todas as formas de trabalho buscam apenas garantir a satisfação de suas reais necessidades

Para tanto, os índios promoviam constantes migrações, orientadas por inspirações recebidas pelos dirigentes religiosos. Em *Yvy Marane'y*, eles se aproximariam de seus antepassados virtuosos e das divindades, vivendo em estado de permanente indestrutibilidade.

Hoje em dia, o mito da busca



pela Terra Sem Males é completamente inviável, e muitos dos guaranis sequer sabem do que se trata.

Durante o trecho da longa caminhada para chegar à reserva, o cacique Cláudio me fala da felicidade de poder viver em um pedaço de terra livre do barulho consumista das sociedades brancas. Até o ano de 1995, os cerca de 3.500 índios guaranis viviam quase todos à beira de rodovias. Há oito meses, porém, uma parceria do governo estadual com o federal cedeu aos índios as terras que hoje constituem a Reserva Indígena de Estrela Velha. Lá, os guaranis organizaram-se em duas aldeias distintas, abrigando cerca de 40 pessoas divididas de acordo com seus laços familiares. Além da aldeia de *Tekoa Karai*, local onde reside o *Karai* Luis Natalício, a reserva também abriga a aldeia de *Narandy*.

Narandy é uma referência ao abundante número de bergamotas, limões e laranjas existentes na região. É lá que moram o cacique Cláudio e o restante de sua família.

A vida na aldeia fez com que boa parte do contato com a natureza fosse retomado. O lugar fica à beira do rio Jacuizinho e mantém presente grande parte de sua vegetação nativa. Além das bergamotas, limões e laranjas, dezenas de outras frutas, legumes e verduras brotam da vida daquele lugar. Foi no solo de *Narandy* que decidi montar a minha barraca.

O mais difícil do convívio com os guaranis é sair da necessidade de buscar explicações para tudo. Logo da nossa chegada à aldeia, a mãe de Cláudio – chamada em guarani de *Jhasuka* – nos recepcionou com um banquete de bergamotas e chimarrão, orquestrado por um ruidoso silêncio.

O que ao princípio pareceu um pouco estranho, foi tomando sentido naturalmente: enquanto fazia a minha primeira refeição em *Narandy*, tanto ela quanto o cacique me davam as boas-vindas sem precisar dizer nenhuma palavra.

Aos poucos, a simplicidade de existir dos guaranis vai ensinando tudo. Eles não precisam de forno, geladeira ou televisão. O único eletrodoméstico da aldeia é também o único meio de comunicação com a civilização branca: um rádio antigo que fica sintonizado sempre em uma estação da cidade vizinha de Sobradinho. E o forno é substituído por uma fogueira feita com lenha colhida nos arredores.

As residências também seguem o padrão de extrema simpli-



cidade. Enquanto ainda não contam com condições para a construção das suas tradicionais casas, os índios guaranis de *Narandy* vivem em condições mais rústicas do que o normal. Os lares são todos construídos com pedaços de madeira e palha, que sustentam o telhado improvisado com lona preta.

Na hora das refeições, os integrantes da aldeia sentam-se todos no chão ou em pedaços de madeira próximos à fogueira. A comida é sempre preparada por *Jhasuka* e devorada pelos índios sem qualquer regra estrita de etiqueta. A única obrigação é a de que

todos se alimentem bem e saibam compartilhar os alimentos existentes. No cardápio, quase sempre o mesmo: arroz, feijão, aipim, galinha e muito suco de bergamota...

O simbólico ato de fumar junto ao *Karai* fez com que me aproximasse da vida mística dos guaranis

A noite se aproxima, e *Nanderu* embebeda a mim e à minha barraca com um porre de chuva. Era o Deus guarani batizando a minha estadia entre seu povo.

O dia seguinte amanheceu gelado e, mesmo assim, Cláudio e o restante da aldeia vestiam pouca roupa e andavam descalços no chão molhado e frio. Em meio a uma de nossas conversas, o cacique me alerta para a necessidade de

arrecadar agasalhos para os índios da aldeia e, mais uma vez, surge o tema das dificuldades de se viver em meio à sociedade branca.

Periodicamente, Cláudio e seu irmão mais novo, Eduardo, são obrigados a partir rumo à Capital, a fim de tentar vender o artesanato produzido na aldeia. É dos animais esculpidos em madeira e dos cestos de balaio de palha que são supridas muitas das necessidades a que a natureza, por si só, não consegue responder. Mesmo assim, a produção artesanal está muito distante de qualquer produção industrial que vise ao lucro. As sociedades indígenas são recusantes das leis da economia.

A maior lição que se pode levar dos índios é a crítica silenciosa ao modo branco de viver e pensar. É uma idéia de simplicidade e paz que está muito distante dos ares poluídos das sociedades brancas.

A saída da vida guarani é bastante marcante e um pouco dolorosa. Marcante por saber da existência de uma sociedade tão rica, simples e, ao mesmo tempo, complexa. E dolorosa por ter que voltar à asfixiante sociedade do consumo branco.

Despeço-me do cacique Cláudio e dos demais com um silêncio bem mais saboroso do que o da chegada e volto a encarar mais uma hora de caminhada. Carrego nas costas o peso da barraca molhada e na cabeça a leveza de uma experiência inigualável. Em *Narandy* e *Tekoa Karay*, a vida não só existe, mas também está presente. A diferença entre a percepção de que as coisas existem e a percepção de que elas estão presentes é muito grande. A presença é uma densidade da existência. ■



SABI
UFRGS 05829965

